

AVALIAÇÃO DO PILOTO DO PROGRAMA DE INTERVENÇÃO *ADOÇÃO: INÍCIO*
DOS NOVOS VÍNCULOS

Roberta Stefanini Machemer

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia, Serviço Social, Saúde e Comunicação Humana
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Porto Alegre, fevereiro 2024

**AVALIAÇÃO DO PILOTO DO PROGRAMA DE INTERVENÇÃO *ADOÇÃO*:
*INÍCIO DOS NOVOS VÍNCULOS***

Roberta Stefanini Machemer

Tese de Doutorado como exigência parcial para a obtenção do grau de Doutora em Psicologia
sob orientação da Prof^a. Dr^a. Giana Bitencourt Frizzo e coorientação da Prof^a. Dr^a. Patrícia
Santos da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia, Serviço Social, Saúde e Comunicação Humana
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Porto Alegre, fevereiro 2024

Agradecimentos

Esta tese foi possível graças à colaboração de diversos profissionais interessados na temática da intervenção para a parentalidade por adoção.

Inicialmente, expresso minha gratidão às famílias atendidas pelo piloto do programa de intervenção *adoção: Início dos Novos Vínculos*. Cada uma é única e ocupa um lugar especial em meu coração.

Agradeço imensamente à minha orientadora, Giana, e à minha coorientadora, Patrícia. Obrigada pelos longos anos juntas e pela parceria durante todos os desafios enfrentados para tornar esta tese possível! Cresci e aprendi muito com vocês!

A todas as outras pessoas envolvidas com a construção e avaliação do programa de intervenção *Adoção: Início dos Novos Vínculos*- Aline, Ana, Ana Patricia, Eduardo, Eduarda, Flávia, Giulia, Lara, Liziane, Luiza, Sofia. Sabemos o desafio que foi realizar pesquisa científica durante a pandemia. Agradeço pela parceria e persistência.

Às professoras Angela, Denise e Mônia, membros da banca, pela disponibilidade na leitura do projeto e da tese. Suas contribuições refletem a importância da colaboração na produção científica.

Às amigas do grupo de pesquisa NUFABE: Elisa, Fernanda, Gabriela Pedrotti, Gabriela Vescovi, Helena, Liziane, Maíra, Manoela, Monique, Monica, Sofia. Sem vocês, fazer pós-graduação seria impossível! Obrigada amigas queridas!

Às amigas de longa data, que ouvem pacientemente meus anseios em relação à pós-graduação: Carolina, Gabriela, Lara, Mariana, Raphaela e Stephanie. Crescemos juntas e sempre nos apoiamos. Contem comigo!

À Fundação CAPES, por financiar esses quatro anos de doutorado.

Ao apoio técnico e financeiro prestado pelo Núcleo de Ciência pela Infância (NCPI) e por todo suporte da equipe envolvida com o Laboratório de Inovação (ILAB).

Um agradecimento especial à Cláudia, profissional competente e sensível do NCPI que nos acompanhou durante as etapas do piloto. Obrigada pelo apoio consistente e afetivo.

À Francisca, minha fiel companheira de quatro patas, que esteve ao meu lado em cada vírgula escrita desta tese, nem sempre tão pacientemente.

Por fim, agradeço todo o apoio recebido da minha família. Mãe, Pai, Antônio, Bruno e Luiza, amo muito vocês! Obrigada por estarem comigo em todos os meus desafios!

Sumário

Introdução.....	8
Fundamentação Teórica.....	14
Parentalidade: Vínculo com o Filho e Função Reflexiva Parental.....	14
Aspectos Relacionados à Formação e à Manutenção do Vínculo com o (a) Filho (a) na parentalidade por adoção.....	20
<i>Adoção e FRP</i>	23
<i>Avaliação de Intervenções</i>	26
<i>IDEAS Impact Framework, da Iniciativa Frontiers of Innovation (FOI): Metodologia de Construção e Avaliação de Programas de Intervenção</i>	29
Justificativa e objetivo da tese.....	31
Resultados.....	33
Discussão da Tese.....	35
Considerações Finais.....	49
Referências.....	52
Anexo A - Comitê de Ética.....	60
Anexo B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	62

Lista de Tabelas e Figuras

Discussão

Figura 1. *Toc Revisada Após Avaliação do Piloto*..... 42

Resumo

O programa de intervenção *Adoção: Início dos Novos Vínculos* foi desenvolvido para atender às necessidades das famílias formadas por adoção nos primeiros momentos com a criança. Realizado integralmente on-line, tem como objetivo promover a Função Reflexiva Parental (FRP), visando aumentar a Percepção de Vínculo, a sensibilidade parental e a satisfação parental, além de reduzir o estresse geral e parental. Em 2021, durante o isolamento imposto pela pandemia de COVID-19, conduziu-se um piloto, envolvendo 30 famílias que adotaram até duas crianças, com idade máxima de 5 anos. A presente tese teve como propósito avaliar os resultados desse piloto, abrangendo quatro estudos com objetivos distintos: 1) relatar os testes de viabilidade para aprimoramento das estratégias antes do piloto; 2) avaliar variáveis parentais; 3) e qualidade da interação pais-filhos antes e após a intervenção; 4) compreender a percepção de satisfação e de mudança dos participantes. Com base nos estudos, constatou-se que o programa foi bastante procurado e bem aceito. De modo geral, as estratégias utilizadas demonstraram bons desempenhos e os objetivos variaram conforme as hipóteses. No entanto, os estudos detalham aspectos a serem aprimorados antes da replicação em maior escala. A tese destaca-se pela avaliação contínua durante a construção do programa de intervenção *Adoção: Início dos Novos Vínculos* e pela triangulação de múltiplas fontes de informação para atingir seu objetivo. Por fim, os resultados contribuem para a comunidade científica interessada na construção de programas de intervenção para a parentalidade.

Palavras-chave: Adoção (criança); piloto; Função Reflexiva Parental; intervenção.

Abstract

The intervention program *Adoption: Beginning of New Bonds* was developed to meet the needs of adoptive families in the early stages of parenting. Conducted entirely online, its objective is to promote Parental Reflective Functioning (PRF), aiming to increase Bond Perception, parental sensitivity, and satisfaction, while reducing overall and parental stress. In 2021, during the isolation imposed by the COVID-19 pandemic, a pilot program was conducted, involving 30 families that adopted up to two children, with a maximum age of 5 years. The purpose of this thesis was to evaluate the results of this pilot, covering four studies with distinct objectives: 1) reporting feasibility tests for strategy improvement before the pilot; 2) evaluating parental variables; 3) assessing parent-child interaction quality before and after the intervention; 4) understanding participants' perception of satisfaction and change. Based on the studies, it was found that the program was highly sought after and well-received. Overall, the strategies demonstrated good performance, and the objectives varied according to the hypotheses. However, the studies detail aspects to be improved before replication on a larger scale. The thesis stands out for its ongoing evaluation during the construction of the *Adoption: Beginning of New Bonds* intervention program and the triangulation of multiple sources of information to achieve its goal. Finally, the results contribute to the scientific community interested in developing parenting intervention programs.

Key-words: Adoption (child); pilot; Parental Reflective Function; intervention.

Introdução

Esta tese é o produto de uma rede de pesquisadores comprometidos com a busca de conhecimento embasado em evidências na área de intervenções para parentalidade por adoção. Minha imersão nesse tema teve início antes de me unir a essa comunidade de pesquisadores, quando ainda estava cursando a graduação e descobri minha afinidade por programas inovadores na Psicologia Jurídica.

Durante os anos finais de minha graduação na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), tive a oportunidade de realizar um estágio clínico na Fundação Universitária Mário Martins (FUMM). Foi nesse ambiente que, em colaboração com as psicólogas Anelise Borba e Fabiana Damiani, e com o respaldo do Dr. Juiz Marco Aurélio Martins Xavier, participei da implementação de um projeto inovador de Visitas Assistidas em diversos Fóruns da região metropolitana de Porto Alegre.

Sucintamente, o projeto visava viabilizar a convivência familiar durante disputas de guarda, facilitando e tornando seguros os encontros entre pais e filhos por meio de uma intervenção psicológica. A concepção do projeto de Visitas Assistidas resultou na elaboração de dois capítulos de livros que se tornaram referências no ensino da prática: "Reconstituição vincular através da convivência monitorada" (Borba & Machemer, 2015) e "Visitas assistidas: Uma recomendação viável?" (Damiani & Machemer, 2021).

A partir disso, em 2016, busquei me especializar na avaliação de famílias em situação de risco, quando decidi fazer uma especialização em Avaliação Psicológica na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Foi nesse período que conheci a professora Dra. Giana Bitencourt Frizzo e seu grupo de pesquisa, o Núcleo de Pesquisa e Intervenção com Famílias de Bebês e Crianças (NUFABE), através da minha amiga e coorientadora desta tese, Dra. Patrícia Santos da Silva.

Naquela época, o NUFABE estava explorando a transição para a parentalidade por adoção, e, enquanto grupo, desejava aprimorar suas estratégias de avaliação dos construtos estudados e desenvolver modelos de intervenção para essa área. Eu vi nesse espaço uma oportunidade de aprofundar meus interesses em avaliação e intervenção com famílias. O primeiro fruto dessa parceria é o artigo *Adaptation and psychometric evidence of the motivation to have a child scale among expectant adoptive mothers*, que está publicada na *Journal of Child and Family Studies* (Machemer *et al.*, 2024a)

Em paralelo, busquei me especializar no atendimento a crianças, pais e mães, e na intervenção com essas famílias, para isso iniciei, em 2017, o curso de Psicoterapia em Infância e Adolescência no Centro de Estudos em Atendimento e Pesquisa da Infância e da Adolescência (CEAPIA). Durante esse curso, aprendi muito a respeito da teoria psicanalítica que fundamenta a psicoterapia com pais, mães, crianças e famílias e meu interesse pelo tema das intervenções cresceu ainda mais.

Ingressando no mestrado no programa de Pós-graduação em Psicologia da UFRGS em 2018, minha participação no Núcleo de Pesquisa e Intervenção com Famílias de Bebês e Crianças (NUFABE) se intensificou. Inicialmente, atuei como psicoterapeuta no Centro Pais-Bebê, onde tive a oportunidade de oferecer apoio psicoterápico breve a mães com depressão pós-parto. A supervisão dos casos era conduzida pela professora Dra. Giana Frizzo e pela Dra. Milena Silva, do programa de Pós-graduação em Psicanálise da UFRGS.

Essa experiência no Centro Pais-Bebê foi profundamente transformadora e impactante. Ela ampliou consideravelmente minha compreensão clínica do período pós-parto e a importância de uma rede de apoio sólida e especializada durante essa fase crucial da vida das mães. Através desse trabalho, pude testemunhar em primeira mão o impacto positivo que um suporte adequado pode ter na vida de mulheres que enfrentam a depressão pós-parto. Essa

vivência reforçou meu compromisso com a pesquisa e a intervenção voltadas para a parentalidade.

Paralelamente a essas experiências, o foco do NUFABE se expandiu para abranger uma ampla gama de pesquisas relacionadas à parentalidade por adoção. Minhas colegas do grupo, que se tornaram queridas amigas ao longo do tempo, conduziram estudos fundamentais que pude acompanhar de perto e lançaram as bases para essas investigações. Isso envolveu a exploração de processos essenciais, como compreender o estágio de habilitação para adoção (Silva, 2018), até aspectos emocionais da parentalidade adotiva, como os sentimentos e expectativas durante o período de espera (Schwochow, 2018). Além disso, investigaram a experiência de ser pai ou mãe de crianças adotadas mais velhas (Resmini, 2018), o desenvolvimento infantil após a adoção (Silva, 2018), os desafios e conquistas das famílias durante o processo de adaptação após a adoção (Silva, 2018) e a dinâmica da coparentalidade na adoção (Machado et al., 2023). Essas pesquisas foram fruto do projeto "Transição para a Parentalidade Adotiva: Pesquisa e Intervenção" (Frizzo et al., 2016), que atualmente compreendem um impacto significativo no campo, fornecendo evidências para a comunidade científica e orientações práticas para famílias formadas por adoção e profissionais que as apoiam.

Continuando com essa linha de pesquisa, o NUFABE expandiu seu interesse para o desenvolvimento de intervenções voltadas para pais, mães e famílias que passaram pela experiência da adoção. Nesse cenário, meu projeto de mestrado concentrou-se em um estudo de caso que envolveu uma breve psicoterapia com pais que adotaram três irmãos, enfrentando desafios significativos no estabelecimento dos vínculos, com o risco de dissolução da adoção.

O caso foi atendido com o primeiro modelo de intervenção do grupo que consistia em uma psicoterapia breve de dez sessões, intitulado *Brief Intervention to Promote Sensitivity in Adoptive Parents* (BIPSA) (Machemer et al., 2022). Nesse projeto, atuei como psicoterapeuta

do caso e conduzi uma análise qualitativa detalhada da evolução do construto "sensibilidade" em todas as sessões de atendimento (Machemer et al., 2022). Como desdobramento desta dissertação, surgiu um outro artigo relacionado à adoção de irmãos, uma temática pouco explorada, intitulado "Trigêmeos de Idades Diferentes": a experiência da maternidade por meio da adoção de irmãos (Machemer & Frizzo, 2021).

Explorando ainda mais a temática durante os primeiros anos do meu doutorado, o NUFABE desenvolveu outra intervenção breve adicional, denominada "Enlaces Para a Adoção," como parte do projeto de doutorado da Dra. Monique Schwochow Silberfarb. Com base em uma abordagem teórica sistêmica, essa intervenção visava não apenas trabalhar com os pais, como anteriormente, mas também envolver a família como um todo. O foco principal desse programa foi fortalecer os vínculos familiares, promovendo a sensibilidade (Schwochow-Silberfarb et al., no prelo).

Minha participação nesse projeto envolveu contribuições desde a sua concepção e desenvolvimento, além de atuar como terapeuta em dois dos três casos tratados em coterapia. Além disso, estive envolvida na validação de um instrumento específico para avaliar intervenções na adoção, também resultante da tese da colega Monique, que culminou em um artigo intitulado "Escala de Satisfação Parental na Adoção: Adaptação Transcultural e Evidências de Validade" (Pressani et al., em processo de publicação).

Com base nessa trajetória do NUFABE, a Dra. Giana Frizzo, em colaboração com uma psicóloga do Instituto Fazendo História de São Paulo, Lara Naddeo, conceberam, em 2019, um projeto pioneiro para oferecer uma intervenção on-line nacional direcionada a pais por adoção, intitulada *Adoção: Início dos Novos Vínculos* (Frizzo et al., 2022a).

Esse programa foi desenvolvido no âmbito do Laboratório de Inovação (ILAB), uma iniciativa vinculada ao Núcleo de Ciência pela Infância (NCPI) com o propósito de fomentar e acelerar a criação, aprimoramento e implementação de projetos inovadores destinados ao

desenvolvimento da primeira infância no Brasil, embasados no conhecimento científico. O ILAB faz parte da plataforma de pesquisa e desenvolvimento do *Center on the Developing Child da Universidade de Harvard*, denominada *Frontiers of Innovation (FOI)*, que se dedica a apoiar o desenvolvimento e a implementação de inovações respaldadas pela ciência.

Durante os *workshops* desse programa de incubação de ideias, fui convidada, juntamente com a Dra. Patrícia, a colaborar com a Dra. Giana e a psicóloga Lara na concepção de um projeto de pesquisa para o *Adoção: Início dos Novos Vínculos* que abrangia desde a definição das estratégias da intervenção até a sua avaliação. Como resultado desse esforço, conquistamos financiamento para executar um estudo piloto.

Minha contribuição para este projeto abrangeu todas as suas dimensões. Ao longo desses anos, estive profundamente envolvida com o desenvolvimento das estratégias do programa, a fundamentação teórica sólida que o embasa, a criação de materiais e a seleção cuidadosa de instrumentos e estratégias de avaliação. Além disso, fui uma das responsáveis pela construção do protocolo do programa intervenção e fui a primeira facilitadora a atender as famílias.

Posteriormente, tive a honra de construir e liderar o protocolo de treinamento para a entrada das demais facilitadoras, minhas colegas e amigas que também estavam realizando seus doutorados e mestrados, Liziane Guedes, Sophia Sebben e Ana Patrícia dos Santos. Acredito que a minha trajetória profissional e acadêmica, conforme anteriormente descrita, me preparou para contribuir com comprometimento na concepção, implementação e agora com a presente tese na avaliação deste projeto inovador.

A concepção do programa desdobrou-se ao longo do período que abrangeu setembro de 2019 a março de 2021, marcando uma transição significativa que culminou com a conclusão do meu mestrado e o início do doutorado. Assim, o estudo piloto foi realizado entre março e dezembro de 2021, em um contexto de isolamento imposto pela pandemia de COVID-2019,

representando um marco importante no desenvolvimento do projeto. Visando dar seguimento ao programa de intervenção, resta avaliar de forma aprofundada o conhecimento adquirido por meio deste piloto, que é o objetivo central da presente tese.

Fundamentação Teórica

Parentalidade: Vínculo com o Filho e Função Reflexiva Parental

Ter um filho é uma experiência transformadora e demandante, que, de acordo com a teoria do apego de John Bowlby (1988a; 1988b; 1990), ativa o sistema de apego relacionado aos modelos de cuidado que os pais receberam na infância (Bowlby, 1988b). É da Teoria do Apego que surge o termo “base segura”, que se refere à experiência do bebê de explorar o mundo com a confiança de que a figura de apego permanecerá disponível para contato reconfortante quando necessário, em especial nos momentos de maior ansiedade.

Com o posterior desenvolvimento cognitivo, as representações sensoriais e motoras provenientes da experiência de apego tornam-se uma representação mental complexa deste contato, que tende a moldar como o indivíduo enxerga a si mesmo e aos outros, influenciando a personalidade, o modo como o sujeito se vincula e, conseqüentemente, o exercício da parentalidade (Dalbem & DellAglío, 2005). Por isso, os padrões de apego infantis dos pais e mães já foram associados à habilidade de lidar com estresse e de se ajustar às tarefas da parentalidade (Jones et al., 2015).

Ainda que exista essa influência dos modelos de apego, na transição para a parentalidade faz-se necessária uma nova organização mental do cuidador para que ele se adapte ao que o seu bebê precisa, tornando-se capaz de estabelecer um vínculo sólido e real com o filho (Stern, 1998). Nesse caso, o construto “vinculação” refere-se à capacidade do cuidador de proporcionar amor, cuidado e proteção suficientes para que o filho seja contido em suas necessidades físicas e emocionais (Boeckel et al., 2011). No trabalho de Boeckel et al. (2011), os autores destacaram que a literatura vem utilizando o conceito “vinculação materna” para explicar de forma específica a relação do cuidador para com o seu filho, mantendo o conceito “apego” para tratar da relação do filho com os cuidadores.

De acordo com a compreensão de Bowlby (1988a), para uma vinculação que fomente uma base segura, o cuidador deve estabelecer uma relação estável, calorosa e de intimidade com o filho, bem como promover o desenvolvimento do filho, sabendo adaptar-se às necessidades dele, sempre mostrando-se como uma figura de apoio e proteção. Na revisão sistemática de Mathews et al. (2019) sobre instrumentos para avaliar a vinculação observou-se que ela foi precursora do desenvolvimento socioemocional e da saúde da criança, sendo um conceito essencial para a qualidade da interação pais filhos.

Por conseguinte, uma das maiores demandas dos pais e mães na transição para a parentalidade é tentar perceber a experiência interna do filho e traduzi-la reconhecendo que o que é subjetivamente real para os pais e mães pode não ser subjetivamente real para os filhos. Assim, evita-se construir um vínculo com o filho somente baseado nos seus próprios modelos internos de suas experiências infantis (Slade, 2005). Pensando nisso, tem-se discutido cada vez mais outro construto importante que influencia tanto o vínculo dos pais com o filho, quanto o apego do filho com seus cuidadores, chamado de Função Reflexiva Parental (FRP) (Slade, 2005).

A FRP se refere especificamente à ação dos pais e mães de perceber o próprio estado mental e o do filho, com objetivo de compreender e explicar seus comportamentos (Slade, 2005). O conceito deriva do construto mais amplo chamado “mentalização”, introduzido por Peter Fonagy, Miriam Steele, Howard Steele e Mary Target (1991). Ele foi idealizado a partir dos avanços da teoria psicanalítica, da teoria do apego e da neurociência cognitiva. Para Allen (2006), mentalizar é a capacidade de manter a própria mente e a dos outros na mente. Trata-se de uma ação feita através da interação que envolve pensar imaginativamente nas pessoas como autônomas e com intenções próprias, mas que se influenciam mutuamente.

Um estudo relevante sobre esses construtos é a revisão integrativa da literatura sobre intervenções voltadas para o desenvolvimento da capacidade de mentalização e função

reflexiva (Schaefer et al., 2023). Nesta a revisão, observou-se uma recorrente falta de distinção entre os conceitos de "mentalização" e "função reflexiva" nos estudos, o que possivelmente dificultou a avaliação deles nas intervenções (Schaefer et al., 2023). Isso ocorre porque, inicialmente, os próprios autores tratavam esses conceitos como análogos (Allen, 2006; Fonagy et al., 1991; Slade, 2005), e apenas recentemente tem havido um crescente interesse em melhor conceituá-los (Schaefer et al., 2023).

Segundo Schaefer et al. (2023), a mentalização é definida como a capacidade de compreender a si mesmo e aos outros em termos de processos e estados mentais subjacentes, como sentimentos, desejos e crenças, enquanto a função reflexiva é a operacionalização dessa capacidade. Ou seja, é a capacidade de traduzir a mentalização em termos interativos. No contexto das relações pais-filhos, a FRP refere-se à habilidade do adulto de adequadamente refletir o estado interno da criança, respondendo de maneira condizente com esse estado e expressando suas emoções, sem envolver projeções parentais (Ramirez & Godinho, 2011; Schaefer et al., 2023).

De acordo com Fonagy et al. (1991), todas as pessoas nascem com uma pré-disposição para mentalizar, mas essa ação precisa ser fomentada por meio da FRP. Para tal, o cuidador precisa reconhecer os estados mentais do filho, bem como conter na sua mente uma representação da criança como alguém com sentimentos, desejos e intenções. Após perceber os estados mentais do filho, o cuidador precisa processá-los para posteriormente refletir essa percepção ao filho de forma lúdica e adequada para que a criança possa utilizá-la (Slade, 2005). Um bebê pequeno, por exemplo, conhece sobre estados mentais ao observá-los no seu cuidador principal. Apenas posteriormente ele internalizará essa capacidade e a reconhecerá como dele (Slade, 2005).

Para uma boa FRP, Ramires e Godinho (2011) postulam que o sujeito deve ter a capacidade de contingência e discriminação. Por contingência, compreende-se que a resposta

acurada do cuidador deva estar em acordo com o estado interno da criança. Já discriminação é a capacidade do cuidador de efetivamente expressar os sentimentos do bebê, e não os seus próprios.

Pais e mães com uma boa FRP possuem flexibilidade de pensamento, comunicam-se incluindo as suas intenções por trás das ações, responsabilizam-se pelos seus atos e consideram implícita e explicitamente nas suas ações como acreditam que os filhos estejam pensando ou se sentindo (Allen & Fonagy, 2006). Sabe-se que pais com uma boa FRP raramente negam as suas experiências internas em relação à parentalidade, nomeando culpa, raiva e alegria. Eles também têm a capacidade de compreender que entender um estado mental pode ser algo ambíguo, que pode ter altos e baixos e não é uma atividade óbvia ou fácil (Allen & Fonagy, 2006). Um cuidador com essas características usa essa compreensão para guiar o seu comportamento, sendo uma ação mental central para que haja uma resposta parental sensível ao filho (Grienenberger et al., 2005).

Para compreender melhor o conceito “mentalização”, existem indicadores gerais de que ela está ocorrendo de forma deficitária (Allen & Fonagy, 2006). Um deles foi chamado pelos autores de “Concretude”, que se refere à compreensão concreta dos próprios sentimentos e os sentimentos dos outros e a relação entre pensamentos, sentimentos e ações. As falhas típicas da concretude são: a) dificuldade de observar os próprios sentimentos e identificar as mudanças neles ou em reconhecer a natureza representacional deles; b) compreender o comportamento em termos concretos e relacionados a circunstâncias exclusivamente externas, como, por exemplo “nós brigamos já que estava muito quente naquele dia”; c) preocupação excessiva com detalhes (quem fez aquilo, quando, em qual tempo exato) e com regras (o João deveria se comportar assim porque eu digo que assim deve ser ou porque nenhuma criança deve se comportar assim); e d) não reconhecer o impacto dos seus pensamentos, sentimentos e ações nos outros e agir sem pensar ou evitar pensar.

A “pseudo-mentalização” (Allen & Fonagy, 2006) refere-se a padrões de pensamento já cristalizados e pode ocorrer de quatro formas: a) preservando um pensamento relacionado a uma etapa de desenvolvimento anterior, que ocorre quando pais e mães continuam pensando na mente do filho/filha como se ele estivesse em uma etapa antiga do desenvolvimento; b) intrusiva, que ocorre quando um dos pais e mães acha que sabe o que a criança pensa ou sente de acordo com os seus pensamentos e sentimentos e acaba “enfiando” na mente do filho/filha algo que não necessariamente é genuinamente dele, ou que ele não poderia receber sem uma ludicidade; c) exacerbada, relacionada a pais e mães investem muito tempo e energia pensando nos filhos/filhas, mas isso tem pouquíssimo ou nenhum impacto na relação dos dois. Pode ser um excesso de fantasia parental ou de idealizações, que não se relacionam com o filho/filha real; e d) atribuições completamente inaccuradas, que dizem respeito às atribuições bizarras ou fantasiosas sobre a mente dos outros (por exemplo, “você quer me deixar louca”; “sua avó quer fazer um complô contra nós”, “você não se importa comigo”, “você ficaria feliz se eu morresse”).

Ainda, pode haver uma perda da ação de mentalizar por um contexto específico (Allen & Fonagy, 2006). Trata-se de uma perda situacional da capacidade de mentalizar que está relacionada ao estresse imediato e à pressão situacional, que faz com que a pessoa se torne incapaz de pensar sobre os próprios sentimentos e pensamentos, bem como dos outros. Nesses momentos, pode haver interpretações equivocadas da mente dos outros, atribuindo-se os comportamentos a intenções maldosas e intencionais. Por fim, é possível haver um uso indevido da mentalização (Allen & Fonagy, 2006), que ocorre quando os pais e mães compreendem bem os estados mentais dos filhos, mas fazem um uso maldoso e abusivo dessa compreensão, como, por exemplo, para envergonhar os filhos e filhas na frente dos outros, para causar mais dor, ou para chantageá-los de forma mais eficiente.

Tais falhas podem gerar uma reflexividade extremamente opaca e empobrecida ao filho, dificultando o desenvolvimento da capacidade da criança de pensar de modo complexo sobre a conexão entre a intenção, emoção, cognição e ação própria e do outro (Allen, 2006). Ainda, é possível que os afetos impostos à criança se tornem não representáveis, dificultando no tardar do desenvolvimento a capacidade de a criança compreender o que é fruto da própria intenção e o que é fruto da intenção do outro, levando aos quadros limite e as patologias do *self*. Em muitas dessas falhas, o que essas crianças recebem é uma distorção dos seus estados mentais e seu estado real fica não qualificado, não correspondido e perdido (Holmes, 2006).

Estudos empíricos já associaram a FRP à sensibilidade parental, regulação emocional, mentalização da criança, qualidade do vínculo dos pais com o filho e apego dos filhos com os pais (Camoirano, 2017; Grienenberger et al., 2005; Schaefer et al., 2023). Conforme a revisão narrativa de Camoirano (2017), ensaios clínicos randomizados existentes destacam a eficácia de intervenções baseadas em mentalização na melhoria do cuidado, especialmente para pais e mães com alto risco de comportamento hostil. Nessa linha, vale ressaltar o estudo clássico de Fonagy et al. (1995), onde adultos que passaram por traumas na infância, mas conseguiram processar essas experiências com a ação de mentalizar, apresentaram menor propensão ao desenvolvimento de psicopatologias em comparação com aqueles incapazes de realizar essa ação.

Pela sua importância, o conceito vem sendo cada vez mais utilizado em intervenções que visam a melhorar a relação entre pais, mães e filhos (Camoirano, 2017; Barlow et al., 2020; Lo & Wong, 2020). A revisão sistemática e meta-análise conduzida por Barlow et al. (2020) avaliou a efetividade de intervenções que visavam a promover a FRP em pais e mães de crianças pequenas. Foram avaliados seis estudos com um total de 521 participantes. Destacou-se que as intervenções beneficiaram significativamente a FRP e reduziram a prevalência de apego desorganizado na criança. Esse tipo de apego é comum em crianças que viveram

experiências negativas, tais como maus-tratos, abusos e negligência, e é caracterizado pela confusão do bebê quando o cuidador sai e quando ele retorna, sem haver um padrão consistente para lidar com a ausência (Mein & Solomon, 1986).

Aspectos Relacionados à Formação e à Manutenção do Vínculo com o (a) Filho (a) na parentalidade por adoção

Tornar-se pai e mãe por meio adoção é bastante similar a qualquer outra forma de parentalidade (Suwalsky et al., 2008). No entanto, segundo Fontenot (2007), ainda assim existirão alguns pontos que serão diferentes para os pais. Na adoção, há a necessidade da aprovação do estado daqueles que desejam adotar (Silva et al., 2018). Essa avaliação ocorre visando a prover à criança cuidados parentais qualificados para a função e para evitar um fracasso da adoção. Apesar de não haver um consenso sobre quais fatores devem ser observados nessa avaliação (Cecílio & Scorsolini-Comin, 2018; Silva et al., 2020), de modo geral, a literatura destaca a necessidade de averiguar as motivações para adotar (Foli et al., 2017; Moyer & Goldberg, 2017; Otuka et al., 2012; Palacios et al., 2019; Silva et al., 2020) e fatores relacionados à saúde mental dos pais (Almeida et al., 2021).

Sintomas de ansiedade e depressão em pessoas que desejam adotar são relevantes para a temática, pois eles tendem a influenciar negativamente a qualidade do afeto direcionado ao filho (Brooker et al., 2015), reduzem a satisfação com a parentalidade (Almeida et al., 2021; Foli, 2010) e tendem a aumentar o desejo de romper o vínculo com a criança (Almeida et al., 2021; Waid & Alewine, 2018). O estudo com amostra brasileira de Almeida et al. (2021) investigou os fatores associados à intenção e consideração dos pais de dissolver a adoção. Cerca de 18% da amostra de pais e mães por adoção do estudo já havia considerado dissolver a adoção. Os resultados mostraram que os fatores que melhor explicavam a relação eram a não satisfação com a parentalidade e questões de saúde mental, tais como ansiedade e depressão. Problemas relacionados à ansiedade e à depressão podem influenciar a forma como os pais e

mães lidam com diferenças, com a agressividade e como suportam frustrações – fatores parentais apontados pela literatura como importantes para a dissolução dos vínculos no contexto da adoção (Rossato & Falcke, 2017).

Falar de tolerância às diferenças no contexto da parentalidade por meio da adoção é de extrema importância, em especial pela temática da raça/cor. Conforme Shonkoff et al. (2021), o racismo vivenciado na infância é uma fonte de estresse tóxico para a criança e influencia intensamente a qualidade do seu desenvolvimento. Nesse aspecto, as famílias e a comunidade desempenham um papel fundamental em proteger a criança contra o racismo (Shonkoff et al., 2021). Pais e mães que adotam crianças negras, por exemplo, precisam ter a capacidade de reconhecer, identificar e compreender o racismo, bem como de treinamento e acompanhamento para ajudar seus filhos a desenvolverem uma identidade negra positiva (Schreiner, 2000).

A literatura aponta que, sem tais questões, será difícil para um pai ou mãe de raça/cor diferente compreender o filho e prover um contexto de proteção e confiança para o desenvolvimento da criança (Barros, 2021; Rufino, 2002; Schreiner, 2000). Pensando nos aspectos acima destacados, estima-se que adoções inter-raciais possam ser um complicador para a formação e manutenção do vínculo no pós-adoção, mas a literatura sobre o assunto ainda é escassa.

Um estudo norte-americano com 15.947 crianças identificou que as adoções de grupos grandes de irmãos (três a quatro crianças) e crianças mais velhas foram fatores de risco importantes para o risco de dissolução dos vínculos no pós-adoção (Smith et al., 2006). A adoção de crianças mais velhas geralmente se relaciona a histórias de vida marcadas por institucionalizações, negligências, abuso sexual e maus-tratos, questões que geram muito preconceito com a modalidade de adoção (Baptista et al., 2013). Geralmente, são crianças que têm dificuldades de transmitir as suas necessidades aos pais adotivos, dificultando a FRP e a vinculação com a criança (Midgley et al., 2018). Além disso, em muitos casos, quando o perfil

da criança esperada é amplo na idade, não é possível prever com exatidão se o filho irá entrar na família com dias ou meses de vida ou já mais velho, algo que dificulta a diferenciação do que é esperado para uma criança daquela faixa etária e o que é decorrência das adversidades vividas antes da adoção (Midlgey et al., 2018).

Alguns estudos sobre o tema das adoções de irmãos destacam a complexidade da adaptação pais-filhos nesse contexto (Machemer et al., 2022; Machemer & Frizzo, 2021; Silva & Benetti, 2015; Smith et al., 2006; Smith et al., 2015; Tasker & Wood, 2016). De modo geral, evidenciou-se, nos estudos, que uma das coisas que dificultou o estabelecimento do vínculo com os filhos foram os padrões de relacionamento pré-existentes entre a fratria, que fez com que os pais e mães se sentissem impotentes, rejeitados ou desautorizados da função parental. Destacou-se, ainda, nos estudos de Silva e Benetti (2015), a dificuldade em lidar com a atenção individualizada que cada criança exigia. Semelhante a esse estudo, em outro caso, a exigência de tornar-se mãe por meio desta modalidade foi comparada à experiência estressante de ter gêmeos de idades e necessidades diferentes (Machemer & Frizzo, 2021).

Para além da avaliação dos pretendentes, após a chegada da criança, existem etapas de acompanhamento chamadas de aproximação, colocação e acompanhamento da criança na família adotiva, por parte dos técnicos do judiciário. Sem entrar nos pormenores do que cada etapa representa, os estudos de modo geral apontam para a complexidade e importância desses momentos, pois o pós-adoção costuma ser um momento frágil para construção dos vínculos (Otuka et al., 2012; Silva et al., 2017; Weber, 2003). Nesse sentido, a avaliação dos pretendentes não é garantia de qualidade na formação dos vínculos, pois o pós-adoção por si só tende a ser um momento de alto estresse parental.

O estresse parental foi definido como um desequilíbrio desadaptativo que ocorre quando os pais e mães avaliam os seus recursos como insuficientes para lidar com as demandas da parentalidade (Park & Walton-Moss, 2012). Ele já foi associado ao fenômeno de pais de

filhos com alguma condição clínica que demanda tratamento e cuidados específicos, como doenças crônicas e transtorno de desenvolvimento (Zhang et al., 2015), comuns nas crianças em espera por adoção (Baptista et al., 2013). Para Midgley et al. (2018), a alta demanda que os pais adotivos têm soma-se às demandas da transição para a parentalidade e tendem a tornar o pós-adoção um momento de alto estresse parental. Isso, por consequência, tende a reduzir a capacidade dos pais e mães utilizarem recursos efetivos para dar conta das tarefas da parentalidade.

Adoção e FRP

A FRP é um recurso parental excepcionalmente importante no pós-adoção, pois possibilita que os pais e mães sejam mais sensíveis às necessidades dos seus filhos, facilitando a adaptação à criança e fortalecendo o vínculo ainda incipiente (Adkins et al., 2022; Midgley et al., 2018). No entanto, o pós-adoção, assim como qualquer forma de transição para a parentalidade, é um período que pode gerar um aumento no estresse nos pais e mães, o que tende a reduzir essa competência parental tão importante (Midgley et al., 2018).

Além disso, alguns estudos destacam que crianças com histórico de traumas e adversidades no desenvolvimento podem ter dificuldade em compreender as intenções por trás dos seus comportamentos e do comportamento dos outros (Sharp, 2006). Geralmente, isso ocorre com crianças que não viveram a experiência de ter uma base segura nem tiveram cuidadores com capacidade de realizar a FRP de modo efetivo (Sharp, 2006).

De acordo com a literatura, essas crianças podem mostrar uma aversão inconsciente à mentalização, que ocorre em decorrência de uma manobra adaptativa da mente que visa à proteção da criança (Sharp, 2006). Por exemplo, a criança pode se proteger da reflexividade de um cuidador abusador inibindo a sua capacidade de compreender estados mentais (Allen, 2006). Por outro lado, pode ficar excessivamente alerta aos estados mentais dos cuidadores,

buscando compreender muito precocemente as intenções por trás de comportamentos impulsivos, hostis e instáveis (Fonagy et al., 1991).

Essa adaptativa de proteção de algumas crianças pode deixar os adultos que muitas vezes já estão estressados pelo pós-adoção, confusos, o que pode promover um clima de hostilidades na relação pais-filhos por adoção (Bammens et al., 2015; Midgley et al., 2018). Por isso, o estudo de Steele et al. (2009) destacou que, em decorrência dessa dinâmica, pais e mães por adoção podem representar seus filhos de um modo negativo, experimentando sentimentos hostis e confusos na interação com a criança, o que muitas vezes os faz impor regras excessivamente rígidas que não estão alinhadas com as necessidades das crianças. Segundo James et al. (2004), pais e mães por adoção que não conseguem pensar sobre os estados mentais dos filhos e sobre as razões pelas quais eles se expressam de forma através dos seus comportamentos estão em maior risco de dissolver a adoção, deixando uma nova marca de abandono na criança.

A literatura discute que a FRP de pais e mães por adoção tende a ser complexa na medida em que muitos cuidadores não compreendem os efeitos de experiências de rupturas e situações abusivas e precisam realizar um esforço mais ativo para identificar, processar e refletir a experiência real dos seus filhos (Bammens et al., 2015). Nesse sentido, para que os pais sintam que possuem recursos para dar conta da parentalidade nesse contexto, Midgley et al. (2018) discutem que, excepcionalmente na adoção, a FRP deve ser mantida “muito afiada”, mesmo em contextos de estresse, para que o vínculo com a criança se consolide. Por isso, os autores destacam a importância de construir e disseminar programas que visam a promover a FRP especificamente no contexto da parentalidade por adoção.

A intervenção psicoeducativa de Bammens et al. (2015), no Texas, EUA, consistiu em nove horas de treinamento em grupo, organizadas em três sessões, e espalhadas em várias semanas de acordo com a necessidade da família, selecionadas por conveniência. Ela avaliou

se houve mudança na reflexividade parental pré e pós-teste comparando-os a um grupo controle (N=13), que recebeu o tratamento usual no local para pais adotivos – palestras e leituras sobre trauma e apego. No grupo que recebeu a intervenção (N=18), os pais receberam informações sobre trauma, apego, comportamento das crianças, sensibilidade e reflexividade. Ao final, os cuidadores que participaram da intervenção aumentaram significativamente a capacidade de mentalizar sobre eles mesmos e sobre suas crianças, ao contrário do grupo controle. Interessante ressaltar que a intervenção funcionou independentemente de especificidades sociodemográficas e da qualidade da mentalização dos cuidadores antes da intervenção.

O estudo de Midgley et al. (2018) ofereceu uma intervenção embasada na teoria sistêmica e na mentalização para famílias formadas por adoção, chamada *Family Minds*. Seu principal objetivo foi promover a compreensão de cada membro da família sobre os seus comportamentos e sentimentos, aumentando a capacidade de mentalizar nas situações do dia a dia e nas situações estressantes. Participaram do estudo 36 famílias selecionadas por conveniência que haviam completado pelo menos seis sessões da intervenção, conduzidas por uma psicóloga experiente em terapia sistêmica e em terapia baseada na mentalização, com conhecimento aprofundado no tema da adoção. Após a intervenção, os autores observaram redução em problemas emocionais e comportamentais nas crianças e um aumento na autoeficácia dos pais adotivos. De modo geral, os pais se sentiram muito satisfeitos com a intervenção, mas gostariam de ter recebido informações mais diretas das terapeutas sobre as especificidades de uma criança por adoção e gostariam de uma maior flexibilidade nos dias, horários e locais da intervenção.

Em um estudo posterior conduzido por Adkins et al. (2018), a intervenção *Family Minds* adaptada a uma modalidade grupal foi avaliada em um ensaio clínico randomizado com 89 pais e mães por adoção no Texas. O objetivo principal era verificar se a intervenção poderia aumentar a FRP e reduzir o estresse parental. Os resultados revelaram que os participantes que

receberam a intervenção apresentaram melhorias na FRP, especialmente no aspecto da pré-mentalização. Além disso, esses participantes experimentaram uma redução significativa no estresse parental relacionado às interações disfuncionais entre pais e filhos. Como conclusão do estudo, os autores destacam que promover a FRP por meio da *Family Minds* pode aumentar a sensibilidade parental e a habilidade de regulação emocional, bem como reduzir o estresse parental associado a interações desafiadoras com as crianças.

Esses aspectos teóricos e empíricos foram um breve resumo do que auxiliou a elaborar o programa *Adoção: Início dos Novos Vínculos* e também as principais hipóteses do estudo. Dando seguimento, tão relevante quanto a construção de um programa é a sua avaliação, uma vez que é com esses dados que será possível construir novas evidências científicas, aprimorar o programa ou abandoná-lo (Durgante & Dell'Aglio, 2018).

Avaliação de Intervenções

Desde a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1991), tem-se observado um aumento nos recursos destinados a políticas e programas de intervenção voltados ao período que abrange desde a gestação até os seis anos de idade da criança, intitulado primeira infância (Silva & Marino, 2022). Um programa de intervenção é um projeto focado em um objetivo, construído com base na literatura científica e em um modelo teórico para prevenção e/ou promoção de saúde (Fernandez-Ballesteros, 2001).

Conforme Durgante e Dell'Aglio (2018), a avaliação de um programa de intervenção é crucial, equivalente à própria execução do programa. Esse processo é essencial, pois possibilita aprimorar estratégias, realocar recursos, dinamizar a gestão visando ao desenvolvimento social e fundamentar a criação de novos programas. Ainda, segundo Mondelo (2019), informações provenientes de uma avaliação bem conduzida de um programa de intervenção são de extrema importância para estimular a disseminação de práticas eficazes para a população.

A *American Psychological Association* ([APA], 2002) estabeleceu alguns critérios para a avaliação de programas. Tratam-se de guias para compreender se a intervenção cumpre com rigor científico, verificando-se a utilidade clínica, a eficácia e/ou efetividade em relação ao seu objetivo. A APA (2002) entende que a utilidade clínica é a averiguação da aplicabilidade, viabilidade e utilidade do programa para a população, contexto e local nos quais foi oferecida a intervenção. Eficácia, segundo a APA (2002), é a comprovação a partir da avaliação dos efeitos produzidos pelo programa em um contexto controlado e em determinado período estabelecido, com maiores ganhos que perdas em resultados, utilizando-se, como critério, o objetivo principal da intervenção, ao ser comparada a um grupo controle. Efetividade, por sua vez, entende-se como a comprovação dos efeitos da intervenção no mundo real, ou seja, fora do controle de um experimento (Durgante & Dell’Aglío, 2018).

Durgante e Dell’Aglío (2018) sistematizaram, em seu artigo, os critérios metodológicos da APA (2002). Dentre os critérios mais relevantes do documento, as autoras destacam: a relevância da opinião clínica e de especialistas com diferentes pontos de vista sobre a temática; o cuidado com a forma de seleção dos participantes, tal como a avaliação da representatividade da população e do fenômeno; a utilização do método experimental (amostra randomizada) ou quasi-experimental; a utilização de instrumentos que possuem validade psicométrica; e a comparação dos resultados com outros tratamentos ou nenhum tratamento.

As autoras também destacam alguns subcritérios para avaliar um programa de intervenção (Durgante & Dell’Aglío, 2018). Neles, salienta-se a necessidade de avaliar o processo de implementação e controlar as variáveis moderadoras (ou fatores intervenientes), tal como os subgrupos tipicamente avaliados (gênero, idade, escolaridade, nível socioeconômico), buscando-se compreender para quem a intervenção mais serve. Ainda, destaca-se a necessidade de buscar entender, em profundidade, a aceitação, satisfação e adesão, bem como o custo-benefício e os impactos para a saúde pública.

Antes de aferir a eficácia ou efetividade de um programa, podem existir etapas de avaliação anteriores e extremamente relevantes, chamadas de testes de viabilidade e estudo piloto. Conforme Durgante e Dell’Aglío (2018), construir e avaliar um programa de intervenção por meio de testes de viabilidade e estudo piloto é crucial quando há escassez de estudos sobre o tema, bem como quando os estudos prévios de intervenção não forneceram evidências suficientes sobre o seu efeito. Além disso, esses estudos são importantes para realizar parcerias com locais de serviço ou na própria rede de atendimento, com a oferta de um novo tratamento (Durgante & Dell’Aglío, 2018) e são importantes como um critério para se seguir com testes maiores de eficácia/efetividade (Bowen et al., 2009)

Ainda é incipiente a diferenciação entre esses dois tipos de estudo, mas, basicamente, os estudos de viabilidade são pequenos recortes de estudos sobre as diferentes estratégias do programa em separado, que ocorrem antes do piloto (Durgante & Dell’Aglío, 2018). De modo geral, entende-se que, nesses estudos, deve-se construir boas categorias de avaliação para conhecer aspectos que são facilitadores e as possíveis barreiras à implementação do programa (Mondelo, 2019). Para cada categoria, pode haver uma diferente estratégia de avaliação, como o preenchimento de questionários, entrevistas, grupos focais etc.

Já um estudo piloto, é a implementação prática do estudo principal, uma versão em menor escala que replica a intervenção principal. Seu propósito é avaliar se os vários componentes da intervenção, quando combinados, funcionam efetivamente, incluindo a avaliação das medidas de resultado (NIHR, 2017). Conforme Malmqvist et al. (2019), a realização de estudos piloto é crucial em qualquer contexto de pesquisa, indo além dos experimentos, nos quais esses estudos são comumente realizados.

Bowen et al. (2009) delinearão oito áreas cruciais a serem avaliadas em estudos piloto de programas de intervenção. Esses critérios foram posteriormente reorganizados e agrupados, conforme delineado por Durgante e Dell’Aglío (2018). A primeira dimensão, *Aceitabilidade*,

busca compreender o comportamento dos participantes e facilitadores em todos os momentos da intervenção. A segunda, *Demanda*, visa avaliar a procura e a necessidade por parte do público-alvo desse tipo de intervenção. A terceira, *Implementação*, analisa a viabilidade de aplicar o programa de intervenção na prática. A quarta, *Adaptação*, busca compreender as modificações necessárias nas estratégias, processos de implementação e avaliação. A quinta, *Integração*, observa se o programa pode ser integrado a uma instituição. A sexta, *Praticidade*, avalia a acessibilidade dos materiais, sejam humanos ou estratégicos. A sétima, *Expansão*, analisa a possibilidade de testar o programa em outros públicos-alvo, gerando novos programas passíveis de utilização em diferentes serviços. Finalmente, a oitava, Testes Limitados dos Resultados, propõe testar em amostras por conveniência os resultados principais dos estudos, mesmo que sejam inconclusivos, desde que isso não implique na ausência de relato ético e discussão apropriada (Thabane et al., 2010).

Contudo, destaca-se a escassez de compartilhamento das lições aprendidas nesses estudos, pois muitas vezes prioriza-se a publicação em periódicos de estudos de eficácia e efetividade (Malmqvist et al., 2019; Thabane et al., 2010; Silva & Moreno, 2021). Essa falta de divulgação pode deixar a comunidade científica desconhecendo a processualidade envolvida na concepção, avaliação de estratégias e aprimoramento de uma pesquisa (Malmqvist et al., 2019).

IDEAS Impact Framework, da Iniciativa Frontiers of Innovation (FOI): Metodologia de Construção e Avaliação de Programas de Intervenção

Uma metodologia de construção e avaliação de programas de intervenção que valoriza a processualidade de um estudo, enfatizando a importância da utilização de testes de viabilidade e estudos piloto, é a metodologia *IDEAS Impact Framework*, da iniciativa *Frontiers of Innovation* (FOI). Essa foi a metodologia usada pelo programa *Adoção: Início dos Novos*

Vínculos em todas as suas etapas de construção e será utilizada na sua avaliação como uma exigência dos financiadores. Trata-se de uma plataforma de pesquisa e desenvolvimento (P&D) do Centro sobre o Desenvolvimento Infantil da Universidade de Harvard. O *IDEAS* é um processo rigoroso de desenvolvimento, testagem, implantação e replicação de programas, que significa *Innovate* (programa para resolver desafios); *Develop* (um programa utilizável com uma Teoria de Mudança clara e precisa); *Evaluate* (a Teoria da Mudança para determinar o que funciona para quem e por que); *Adapt* (adaptar em ciclos rápidos e repetidos); e *Scale* (alcançar escalabilidade de programas promissores).

Lançada em 2011, a FOI visa a acelerar o desenvolvimento e a adoção de inovações com base científica que abordem diretamente os desafios identificados pela comunidade e que crianças e famílias não conseguem superar para conseguir um impacto revolucionário em grande escala. Esse processo tem base científica e conta com o apoio de uma comunidade cada vez maior de agentes de mudança comprometidos com aprendizagem compartilhada, conhecimento cumulativo e resultados transformadores da criança no nível da população. Segundo a abordagem FOI, décadas de pesquisa na primeira infância demonstraram que é possível melhorar os resultados para crianças pequenas e famílias que enfrentam adversidades, mas esses impactos têm sido modestos e não melhoraram com o tempo.

Ele foi construído pensando na ênfase exagerada da ciência apenas nos resultados dos programas, buscando somente provar a eficácia das intervenções, em vez de entender como e para quem elas funcionam. Além disso, em geral, as intervenções são avaliadas com base na porcentagem da população para as quais funcionaram, revelando, na melhor das hipóteses, se um programa é bem-sucedido na média. Iniciativas de aumentar o impacto adicionando novos componentes tendem a aumentar a complexidade e o custo, além de diminuir a precisão da intervenção. O FOI desafia essa abordagem com uma estrutura definida, mas flexível, que facilita o desenvolvimento de programas, implementação, avaliação e interação de ciclo rápido.

A utilização da metodologia FOI permite à equipe de um programa de intervenção transcender os resultados e se questionar: (a) *o que funciona?* (Ao compreender os elementos-chave do programa, é possível replicá-los); (b) *como funciona?* (Ser específico sobre os mecanismos subjacentes pode auxiliar a aumentar o impacto do programa); (c) *para quem funciona e para quem não funciona?* (Quando se sabe quem está e quem não está respondendo, pode-se fazer adaptações direcionadas para melhorar os resultados); (d) *Em quais contextos funciona?* (Ao avaliar o contexto em que um programa é implementado, pode-se adaptá-lo para outras configurações) (Linhares et al., 2019).

Um diferencial da metodologia FOI é a utilização de uma Teoria da Mudança (TOC). Uma TOC articula a cadeia lógica de uma intervenção, ligando diversos elementos constituintes e explorando suas relações causais, hipóteses ou condicionantes que explicitam a viabilidade do que é esperado (Schindler et al., 2017). Em suma, é um conjunto detalhado de crenças sobre mudanças observáveis específicas que se espera como resultado de um programa. Uma TOC clara e concisa facilita a precisão e a interação de ciclo rápido, identificando o porquê, como e para quem uma intervenção funciona ou não. Também facilita o aprendizado compartilhado e orienta as decisões relacionadas ao desenvolvimento e mensuração de programas. De acordo com o *IDEAS Impact Framework*, todas as equipes de projeto trabalham a partir de um modelo de TOC comum, com quatro elementos: estratégias, metas, resultados e moderadores, que compõem o que geralmente se denominam objetivos e hipóteses nos projetos de pesquisa usuais. É possível conhecer a TOC do programa em maior detalhe no Anexo C.

Resumidamente, a TOC do programa *Adoção: Início dos Novos Vínculos* envolve promover a FRP, que contribuirá para o aumento da percepção de vínculo dos pais com seus filhos, e conseqüentemente para o aumento das interações positivas entre pais e filhos e satisfação com a parentalidade, bem como para a diminuição do estresse parental.

Justificativa e objetivo da tese

Estudos ressaltam a importância de prover apoio às famílias durante a transição para a parentalidade por adoção (Adkins et al., 2022; Foli et al., 2017; Midgley et al., 2018; Silva et al., 2017). O acompanhamento de pais e mães durante esse processo também assume relevância em termos de saúde pública, dado que a falta de suporte apropriado pode acarretar aumento do estresse e redução da satisfação parental (Adkins et al., 2022; Midgley et al., 2018). A redução desses fatores tende a aumentar o desejo dos pais e mães de dissolver a adoção (Almeida et al., 2021), colocando a criança em uma nova situação de desproteção e abandono.

Adicionalmente, a promoção de competências parentais, tais como a FRP, contribui para a criação de um ambiente familiar sensível, crucial para o bem-estar de crianças que viveram rupturas precoces e conseqüentemente para o fortalecimento dos vínculos familiares (Adkins et al., 2022; Juffer et al., 2008; Machemer et al., 2022; Midgley et al., 2018).

Diante desse cenário, a implementação de programas de intervenção especializados em suporte e desenvolvimento de habilidades parentais voltados para a adoção, em âmbito nacional, assume caráter crucial para garantir um acompanhamento em conformidade com as disposições do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Algumas intervenções no Brasil foram concebidas considerando essa necessidade (Machemer et al., 2021; Schwochow-Silberfarb et al., 2023), sendo um deles o *Adoção: Início dos Novos Vínculos* (Frizzo et al., 2022a).

A avaliação das estratégias ao longo da construção da intervenção foi conduzida por meio dos testes de viabilidade descritos no Estudo 1 (Frizzo et al., 2022). E a avaliação da integridade da implementação do piloto foi feita em um relatório entregue aos financiadores (Frizzo et al., 2022c). No entanto, ainda é importante avaliar todos os componentes da intervenção em conjunto em um estudo piloto, conforme realizado com 30 famílias em 2021. Este estudo assume importância nacional, uma vez que no Brasil a avaliação desses programas de intervenção apresenta um número limitado de evidências (Schwochow-Silberfarb et al.,

2023), predominantemente baseadas em avaliações qualitativas de poucos casos clínicos (Machemer et al., 2022; Schwochow-Silberfarb et al., 2023).

Diante desse cenário, a avaliação do piloto do programa de intervenção *Adoção: Início dos Novos Vínculos* pode representar um avanço significativo, contribuindo para a construção de novas evidências que favoreçam o suporte baseado em evidências às famílias formadas por adoção no Brasil. Os resultados desse estudo podem orientar gestores públicos, contribuindo para o aprimoramento e construção de futuras políticas públicas para a adoção (Silva & Marinho, 2022), visando impacto em maior escala (Linhares et al., 2019; Mondelo, 2019). Com base nesses aspectos, o objetivo geral da presente tese foi avaliar o piloto do programa de intervenção *Adoção: Início dos Novos Vínculos*.

Resultados

O objetivo geral da presente tese foi avaliar o piloto do programa de intervenção *Adoção: Início dos Novos Vínculos*. Decorrentes desse objetivo, foram construídos quatro artigos com objetivos diferentes, um decorrente dos estudos de viabilidade para operacionalizar o estudo piloto e os outros três dos resultados do estudo piloto realizado em 2021. Três já estão publicados e um será submetido após a apreciação da banca, sendo eles:

- 1) Descrever a experiência de construir o programa de intervenção “Adoção: início dos novos vínculos” utilizando a metodologia *IDEAS Impact Framework*
 - Artigo: A metodologia IDEAS numa intervenção para a parentalidade por adoção (Frizzo et al., 2022) – Publicado na Revista Brasileira de Avaliação <https://doi.org/10.4322/rbaval202211024>
- 2) Avaliar as variáveis parentais associadas à Percepção de Vínculos dos cuidadores com seus filhos, incluindo FRP, a PV, o Estresse Geral, o Estresse Parental e o Estresse Relacionado à Satisfação Parental, antes e após a participação no piloto do programa.

- Artigo: *Improvement in emotional bond and parental satisfaction among participants of an online training program for adoptive parents* (Machemer et al., 2023) – Publicado na *Adoption Quarterly*
<https://doi.org/10.1080/10926755.2023.2242833>
- 3) Descrever o padrão observado de interação entre os cuidadores e seus filhos, participantes do *Programa Adoção: Início de Novos Vínculos*, e avaliar se houve alterações nesses padrões após a participação no programa. Também documentar os *insights* adquiridos por meio da gravação e análise on-line das interações durante o período da pandemia de COVID-2019;
- Artigo: *Adoptive parent-child interaction quality during the COVID-19 pandemic in Brazil* – Publicado na *International Journal of Systemic Therapy*
<https://doi.org/10.1080/2692398X.2024.2336714>
- 4) Compreender a percepção de satisfação dos participantes do piloto do programa de intervenção *Adoção: Início dos Novos Vínculos* e identificar os mecanismos de mudança por eles percebidos.
- Artigo: Percepção de satisfação com o programa de intervenção *Adoção: Início dos Novos Vínculos*

Discussão da Tese

Esta tese teve como objetivo a avaliação do piloto do programa de intervenção *Adoção: Início dos Novos Vínculos*. Como resultado, foram conduzidos quatro estudos com propósitos distintos, sendo um relato de experiência e três estudos empíricos. A discussão deste trabalho integrará os principais aspectos de cada estudo, baseando-se nos oito critérios de avaliação de um piloto delineados por Bowen et al. (2009): Aceitabilidade, Demanda, Implementação, Adaptação, Integração, Praticidade, Expansão e Testes Limitados dos Resultados.

Avaliar a **Adaptação** em um piloto de intervenção implica compreender as modificações necessárias nas estratégias e nos processos de implementação para o público-alvo (Bowen et al., 2009; Dungarte & Dell’Aglío, 2018). Esse aspecto foi abordado em todos os estudos desta tese; entretanto, dentre eles destaca-se o Estudo 1 (Frizzo et al., 2022a), que descreveu a experiência de construir o programa de intervenção usando três testes de viabilidade.

Com esse estudo, houve aprimoramento da experiência do usuário, tornando os materiais de modo geral mais acessíveis ao público-alvo e aos facilitadores (Frizzo et al., 2022a). As adaptações necessárias apontadas pelos testes de viabilidade envolviam reduzir a linguagem formal e acadêmica dos materiais e unir melhor as informações prestadas pelos vídeos à teoria de base: a FRP.

Tais modificações foram feitas antes mesmo da condução do piloto, momento em que cada etapa da construção de estratégias foi co-construída pelo público-alvo e *experts* da área, conforme preconiza a metodologia IDEAS (Frizzo et al., 2022a). Em consonância com a literatura sobre a abordagem *FOI* (Linhares et al., 2019), este primeiro estudo destaca a importância de avaliar a adaptação das estratégias de um programa de intervenção ainda na fase de sua concepção.

Em relação à **Demanda**, os principais aspectos destacados originaram-se do Estudo 4 (Machemet et al., [no prelo]). Para Bowen et al. (2009), avaliar esse aspecto envolve compreender se a intervenção gera interesse no público-alvo e, conseqüentemente, se existe de fato, a necessidade dela no mundo real. O alto interesse demonstrado pelo programa de intervenção indica que muitos pais e mães sentem a necessidade de buscar auxílio profissional no pós-adoção, questão corroborada pela literatura (Otuka et al., 2012; Silva et al., 2017; Weber, 2003). Além disso, destaca-se que a maioria dos participantes residia em áreas remotas e distantes dos grandes centros urbanos, onde profissionais especializados podem ser escassos (Schmidt et al., 2020), tornando a intervenção on-line e gratuita de extrema importância.

Por outro lado, o contexto em que ocorreu o piloto foi durante o isolamento imposto pela pandemia de COVID-19, o que tornou muito mais necessária e aceita a prática de psicoterapias e intervenções parentais on-line (Schmidt et al., 2020). Conforme discutido no Artigo 3 (Machemer et al., 2024b), o isolamento imposto pela pandemia modificou o processo de acompanhamento das famílias realizado pelo judiciário, acelerando os processos de aproximação e muitas vezes tornando-os virtuais (Levy & Gomes, 2020; Machemer et al., 2024b).

Pensando nisso, esse momento histórico pode ter conferido ao contexto do piloto uma especificidade que contribuiu para a existência de maior insatisfação com as redes de apoio usuais, gerando mais interesse na presente intervenção. Portanto, em caso de replicabilidade do estudo em um futuro onde o contexto seja diverso, a alta demanda e também o engajamento precisam ser reavaliados considerando o contexto em que o piloto ocorreu.

Quanto à **Aceitabilidade**, muitos dados foram obtidos a partir do Estudo 4 (Machemer et al., [no prelo]) e de um relatório entregue aos financiadores (Frizzo et al., 2022c). Conforme os critérios de Bowen et al. (2009), avaliar a aceitabilidade envolve coletar informações sobre as experiências e comportamentos do público-alvo durante a intervenção. O Estudo 4, nesse

contexto, ofereceu muitos *insights* sobre a percepção dos participantes em relação ao programa de intervenção: a maioria expressou sentimentos positivos, destacando impactos na parentalidade e na relação com os filhos.

O relatório entregue aos financiadores (Frizzo et al., 2022c), concebido anteriormente aos estudos empíricos desta tese, não apenas forneceu informações adicionais sobre a Aceitabilidade, mas também enriqueceu a compreensão da **Integridade** (Bowen et al., 2009) da implementação do piloto. Nele, descreveu-se o comportamento dos participantes em relação aos vídeos, controlado por meio de um *software* específico que monitorava a visualização de cada vídeo por cada participante com o *software*, constatou-se que os vídeos geraram bastante engajamento e foram efetivamente utilizados pelos participantes. Adicionalmente, notou-se que os vídeos com mais visualizações para as famílias do piloto eram os que abordavam a FRP e sobre como trabalhar as histórias de vida com o(a) filho(a) (Frizzo et al., 2022c).

Além disso, neste relatório foram analisadas as informações do *Checklist Clínico e Informações Gerais da Sessão* (Anexo F), que foi utilizado pelo facilitador para monitorar semanalmente o comportamento dos participantes. Esses dados foram cruciais para compreender que, de maneira geral, os participantes receberam de modo uniforme as estratégias propostas, evidenciando integridade na execução do piloto (Frizzo et al., 2022c).

Nos estudos, também apareceram evidências sobre alguns moderadores, dentre eles o “tempo com a criança”, a “idade da criança” e o “gênero do cuidador”. Desde o início, ao revisar a literatura, foram incluídos na *TOC* os moderadores "tempo com a criança" e "idade da criança". Embora esses fatores tenham sido controlados, possivelmente devido à amostra reduzida, não exerceram influência nas análises quantitativas do Estudo 2.

Contudo, na análise qualitativa do Estudo 4, "tempo com a criança" e "idade da criança" surgiram nos relatos de algumas famílias. De fato, existem algumas evidências de que o processo de adaptação pais-filhos no pós-adoção pode variar de seis meses até dois anos, mas

os estudos salientam a alta complexidade e subjetividade desse tempo (Silva, 2018; Tasker & Wood, 2016). Pensando nisso, antes da aplicação do piloto optou-se por não colocar um critério de tempo justamente para avaliar se ele seria um moderador relevante a se considerar.

De fato, esse fator se revelou bastante subjetivo no piloto. Muitos participantes que estavam há mais de um ano com a criança ainda se sentiam em processo de adaptação e aproveitaram as estratégias voltadas para o início dos vínculos. Enquanto outros que estavam há menos tempo acreditavam que o estudo não trouxe muitos benefícios (Machemer et al., [no prelo]).

A partir desses dados, sugere-se que estudos futuros com amostra mais ampla busquem avaliar o impacto do programa em subgrupos divididos com base no tempo em que estavam com a criança para melhor compreender este dado. Uma possibilidade, baseada em um estudo sobre a adaptação no pós-adoção (Tasker & Wood, 2016), seria dividir esses subgrupos entre aqueles que estavam há menos de seis meses e aqueles que estavam há mais de seis meses com as crianças.

Também é importante ressaltar que a primeira infância como um todo é um período amplo que engloba uma grande variedade de saltos desenvolvimentais, o que gera naturalmente muitas dúvidas nos pais (Silva & Marino, 2022). Tal questão pode ter tornado bastante diversa a experiência de transição para parentalidade dos participantes do piloto e também estar relacionado à sugestão de novas estratégias nas adoções crianças maiores.

Infelizmente, nas entrevistas do Estudo 4, não foi abordado em profundidade o que esses participantes consideravam uma “adoção de criança maior”, nem quais seriam as necessidades deles em uma intervenção. Seria mais tempo? Outras estratégias nos vídeos? Pelos trechos do Estudo 4, parece que a solicitação é de modificação em ambos, tanto na quantidade dos encontros, quanto na inclusão de novos vídeos para expandir o programa para esse perfil de adoção.

De acordo com Machado et al. (2021), não há consenso na literatura sobre algumas terminologias relacionadas à adoção. As autoras observam que alguns estudos se referem a adoções de crianças mais velhas como aquelas maiores de dois anos (Weber, 2004; Resmini, 2018), mas essa definição tem sido objeto de problematização e debate. Além disso, o termo "adoção tardia", utilizado pelos participantes, também pode ser questionado, uma vez que sugere que a adoção ocorreu tardiamente (Machado et al., 2021).

A literatura corrobora com a apreensão desses participantes do piloto em relação às adoções de crianças maiores. Já existem evidências de alguns desafios apresentados pelos pais e mães associados a essa modalidade de adoção (Silva & Benetti, 2015; Smith et al., 2006; Smith et al., 2015; Resmini, 2018; Tasker & Wood, 2016). Muitos deles estão relacionados à maneira como lidar com as memórias e vivências da criança em relação à sua família de origem, especialmente nos casos em que a criança já possuía uma linguagem verbal bem desenvolvida no momento da adoção.

Para Bowen et al. (2009), avaliar a possibilidade de **Expansão** envolve compreender se é possível expandir a proposta ou algumas estratégias do programa para outras populações, como, por exemplo, para contemplar a necessidade de ampliar a idade da criança. Pensando nisso, o presente estudo sugere que novas pesquisas aprofundem o conhecimento das necessidades dos pais e mães que adotam crianças mais velhas, visando desenvolver programas específicos, criar novos vídeos para o *Adoção: Início dos Novos Vínculos*, ou até mesmo propor mais encontros.

Dando seguimento, em relação aos participantes homens terem se beneficiado mais da intervenção em relação à percepção de vínculo com o filho(a), destaca-se a discussão detalhada do Estudo 2. Nesta discussão, há uma convergência entre dados empíricos a respeito da mentalização e FRP de homens (Luyten et al., 2017; Pazzagli et al., 2018), das estratégias

empregadas pelas facilitadoras para fomentar a FRP (NUFABE, 2021), e os resultados pré e pós teste da escala de PV (Machemer et al., 2023).

Um estudo italiano comparativo da FRP de mães e pais indicou que os pais do estudo tendiam a ser menos curiosos e observadores a respeito da mente dos seus filhos que as mães (Pazzagli et al., 2018). Em contrapartida, uma das principais estratégias de intervenção do programa era fomentar a curiosidade a respeito dos estados mentais do filho (NUFABE, 2021). Com isso em mente, o Estudo 2 destacou a possibilidade da maior janela de mudança dos homens neste tema ter resultado neste viés de gênero sobre a PV.

Essa discussão pode auxiliar na **Expansão** (Bowen et al., 2009) dessas estratégias para outras intervenções, incluindo nos protocolos elementos que estimulem a "curiosidade sobre estados mentais" dos homens em relação aos filhos. No entanto, pesquisas futuras com amostras brasileiras devem aprofundar a compreensão da variação desse fator da FRP em relação à percepção dos pais sobre o vínculo com o(a) filho(a), fornecendo uma base mais sólida para essa hipótese em relação à janela de mudança.

Avançando na presente discussão, o Estudo 2 (Machemer et al., 2023) possibilitou reunir informações sobre as estratégias de avaliação de autorrelato utilizadas e trouxe contribuições importantes para o campo e para estudos futuros em maior escala, contribuindo para avaliar o critério **Adaptação** (Bowen et al., 2009) da intervenção. Além disso, nele e no Estudo 3, foi possível observar se as variáveis se comportaram de acordo com as principais hipóteses e com a *TOC*, contribuindo para a contemplação de outro critério destacado por Bowen et al. (2009), que são os **Testes limitados de resultados**.

Com o Estudo 2, observou-se que a estratégia empregada para avaliar a FRP demandou maior atenção e desafios que as utilizadas para avaliar as demais variáveis. Essa descoberta está alinhada com a literatura existente que já havia apontado dificuldades com o uso de instrumentos de autorrelato para avaliar FRP, como demonstrado por Barlow et al. (2020) e

Byrne et al. (2019). Em consonância com a literatura (Barlow et al., 2020; Byrne et al., 2019), acredita-se que a FRP é um construto altamente clínico, o que dificulta a sua operacionalização em um instrumento de autorrelato.

De fato, os itens da escala utilizada são bastante teóricos, como, por exemplo, "Eu sempre sei o que se passa na cabeça do meu filho" (Luytem et al., 2017), que visa avaliar indicadores de pré-mentalização (especificamente intrusividade). Mesmo que um cuidador tenha uma tendência a não compreender a mente do filho como autônoma, com afetos e intenções próprias, itens como esse são de difícil resposta sincera devido à influência da deseabilidade social no contexto da parentalidade. Questão essa pode ser ainda mais intensa na parentalidade por adoção pela pressão social de "perfeição" que muitos desses pais e mães têm (Foli, 2010; Foli et al., 2017; Machemer et al., 2023).

Outra questão relevante sobre os instrumentos para avaliar a FRP é discutida no artigo de Schaefer et al. (2023). As autoras destacam que muitos estudos não especificam se as estratégias de intervenção visam promover a mentalização ou a FRP. Ainda, os instrumentos existentes para avaliar esses construtos frequentemente não fazem essa distinção (Schaefer et al., 2023). Sucintamente, conforme mencionado em maior detalhe na fundamentação teórica da presente tese, a mentalização é a ação de compreender a si mesmo e aos outros em termos de processos e estados mentais subjacentes, enquanto a função reflexiva é a operacionalização dessa capacidade (Schaefer et al., 2023).

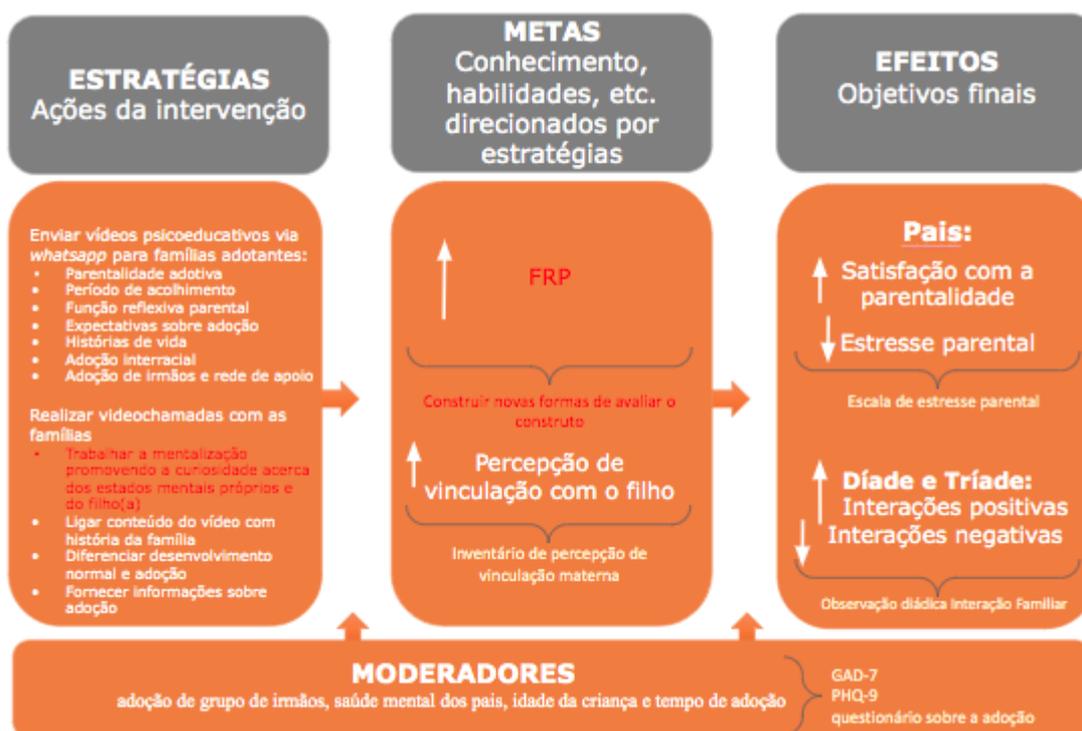
Na época em que o programa de intervenção *Adoção: Início dos Novos Vínculos* foi desenvolvido, optou-se por tratar a mentalização e a FRP como construtos análogos, em conformidade com uma parcela da literatura (Allen, 2006; Midlgey et al., 2018). No entanto, tendo em vista as dificuldades de avaliar a FRP apresentadas no Estudo 2, é imperativo considerar as críticas das autoras da revisão integrativa (Schaefer et al., 2023).

Nesse sentido, recomenda-se uma maior especificidade na *TOC* do *Adoção: Início dos Novos Vínculos*. A presente tese sugere que, em futuros estudos do programa, a *TOC* seja reformulada da seguinte maneira: "A principal estratégia é promover a mentalização ao incentivar a curiosidade em relação aos estados mentais dos filhos, com a meta de fortalecer a FRP, a percepção de vínculo e como desfecho final promover as interações positivas entre pais e filhos, e a satisfação parental. Além disso, busca-se reduzir o estresse geral e parental, bem como as interações não positivas."

Essa revisão visa proporcionar maior clareza para futuras avaliações e uma compreensão mais precisa das mudanças induzidas pelo programa. Em vermelho, destaca-se onde ficam as sugestões de modificações:

Figura 1.

Toc Revisada Após Avaliação do Piloto



Além disso, a presente teste, em consonância com a discussão do Estudo 4, propõe uma série de alternativas para a avaliação da mentalização e da FRP em estudos futuros de intervenção parental. Primeiramente, sugere-se que estudos futuros visem avaliar esse construto por meio de escalas, dediquem um tempo significativo para a construção ou aprimoramento desses instrumentos, contando principalmente com uma equipe especializada em psicometria, nas suas operacionalizações teóricas e aplicabilidade clínica.

Um instrumento possível para estudos futuros que foi utilizado em outra intervenção similar (Adkins et al., 2022) chama-se *Coding reflective functioning in parents using the five minute speech sample procedure* (Adkins & Fonagy, 2017; Bammens et al., 2015). Essa é uma medida que codifica a mentalização a partir de uma amostra de fala de 5 minutos fornecida pelo participante. Ela foi elaborada especificamente para evocar a mentalização na narrativa parental e avaliar os modelos internos de relacionamentos dos pais, ou seja, a representação que eles têm do seu relacionamento atual com o(a) seu(a) filho(a) (Adkins et al., 2022).

No entanto, é importante reconhecer que essa estratégia demanda um período prolongado de treinamento dos codificadores e análise de dados, o que pode exigir uma equipe maior e mais especializada para esta forma de avaliação. Ademais, esta avaliação requer um investimento substancial de tempo, recursos financeiros com a adaptação da medida ao português-brasileiro e verificação das suas propriedades psicométricas em uma amostra brasileira.

Também é possível realizar estudos qualitativos de processo psicoterápico com poucos casos observando o comportamento do fenômeno teórico dentro das sessões (APA, 2002), tal como realizado em outros estudos sobre psicoterapia breve na depressão pós-parto (Frizzo, 2008) e sobre psicoterapia breve para pais no pós-adoção (Machemer et al., 2021).

Tais estudos podem trazer muitas reflexões importantes acerca dos mecanismos de mudança em um programa de intervenção dentro dos encontros, indo além dos seus resultados

(Frizzo, 2008). Esta estratégia possibilitaria compreender de modo mais aprofundado a natureza da capacidade de mentalização desses pais, conseguindo capturar as mudanças no mundo representacional dos mesmos por meio da forma como eles falam em sessão dos filhos.

Outra alternativa sugerida é a possibilidade de conduzir uma avaliação qualitativa da mentalização e da FRP, por meio de entrevistas semiestruturadas que abordem a percepção de satisfação com a intervenção, semelhante ao método empregado no Estudo 4. Entretanto, é importante destacar que, mesmo nesse caso, as limitações persistem, uma vez que se trata da percepção dos participantes como principal fonte de dados.

De fato, não há consenso sobre as limitações do facilitador realizar a entrevista final de avaliação de percepção de satisfação com a intervenção. Em uma parcela da literatura, há incentivo à prática da avaliação ocorrendo por meio do clínico (Levitt et al., 2018; Frizzo, 2008), assim como realizado no presente estudo. Com base na experiência teórica, clínica e empírica do NUFABE, o grupo defende a ideia de que estabelecer um vínculo seguro e respeitoso com o facilitador tornará mais fácil expressar insatisfações. Além disso, tal forma de avaliação possivelmente promoverá maior profundidade e conexão nas respostas dos participantes (Machemer et al., [no prelo]).

No entanto, outros parâmetros de avaliação de intervenções não recomendam a prática devido à desajabilidade social e possível parcialidade das respostas (APA, 2002; Durgante & Dell'Aglio, 2018). Estudos futuros devem considerar essas potencialidades e limitações ao avaliar a percepção de satisfação dos participantes e o comportamento dos construtos dentro da intervenção.

Dando seguimento, outro destaque do Estudo 2 foi o desempenho da escala utilizada para avaliar a Percepção de Vínculo (PV), o *Inventory of Maternal Emotional Bond* (Boeckel et al., 2011; Muller, 1994). Com a escala, foi possível observar mudanças estatisticamente

significativas mesmo na pequena amostra entre o pré e pós teste na PV dos participantes e, ainda, conforme acima discutido, observou-se um crescimento mais expressivo dos homens.

No entanto, uma limitação a ser reconhecida desse instrumento é o fato de se destinar às mães com filhos em uma faixa etária bastante restrita (dos seis aos treze anos) (Boeckel et al., 2011; Machemer et al., 2023). Dada a relevância do construto PV, sugere-se um maior investimento psicométrico no instrumento utilizado. O instrumento poderia ser validado para os homens e para uma faixa etária mais ampla de filhos, compreendendo a primeira infância.

Tal aprofundamento não só beneficiaria os estudos de intervenção, mas também pesquisas relacionadas à paternidade e à PV com os filhos. Sabe-se que há uma escassez de estudos a respeito da parentalidade de homens e de intervenções parentais para homens (Byrne et al., 2019; Lo & Wong, 2020) e tal escala poderia beneficiar novas investigações.

O Estudo 3, por sua vez, foi um estudo observacional da interação cuidador-filho(a) coletado de modo on-line (Machemer et al., 2024b). Ele complementa o Estudo 2, contribuindo para a **Avaliação preliminar dos resultados** e para a **Adaptação** das estratégias de avaliação. Nele, utilizou-se um instrumento de observação e análise da interação diádica (Piccinini et al., 2007, baseado em Cox, 1998), que atualmente foi validado pelo grupo NUFABE como parte da tese da Dra. Manoela Mallmann (Mallman et al., [no prelo]). Para utilizar este instrumento, foram feitas diversas adaptações do protocolo para a filmagem on-line, todas apresentadas em detalhe no artigo.

Inicialmente, é fundamental ressaltar a perspectiva de redução de custos e simplificação na análise das interações quando realizada de forma online em estudos de intervenção, contribuindo para a avaliação de sua **Praticidade** (Bowen et al., 2009). Este elemento deve ser especialmente ponderado em estudos piloto, com o intuito de otimizar a alocação de recursos humanos e financeiros, reduzir o tempo necessário das estratégias e aprimorar a praticidade na avaliação dos resultados (APA, 2002; Bowen et al., 2009).

Com a coleta ocorrendo de forma on-line, não houve necessidade de um espaço físico, nem de equipamentos específicos para a filmagem, e os custos associados ao deslocamento da equipe foram eliminados. Além disso, essa abordagem facilitou a aplicabilidade do estudo a nível nacional e em locais de difícil acesso, como periferias ou cidades isoladas dos grandes centros, permitindo alcançar uma amostra mais diversificada, que, conforme destacado pelo Estudo 1, foi o principal público-alvo em termos de região dos participantes do piloto.

Além disso, como destacado por Frizzo et al. (2022b), houve uma expressiva redução dos estudos observacionais durante a pandemia, o que torna esse artigo não apenas inovador, mas também essencial para a compreensão das dinâmicas relacionais entre as famílias durante esse período desafiador. A análise desses dados levantou a hipótese de que a pandemia criou um contexto especial de mudança para os pais e mães do piloto, semelhante ao que ocorre em eventos traumáticos (Cimino & Cerniglia, 2022; Machemer et al., 2024b).

Essa ideia foi considerada porque, assim como no estudo de Cimino e Cerniglia (2022), não se esperava encontrar mudanças estatisticamente significativas nas análises entre os diferentes momentos de coleta de dados em uma amostra tão pequena. Contudo, observaram-se mudanças na sensibilidade parental, em conformidade com hipóteses da intervenção (Machemer et al., 2024b). Diante do exposto, o possível efeito da pandemia nas intervenções parentais deve ser explorado em maior profundidade, e estudos futuros podem utilizar o Estudo 3 como ponto de partida.

Além disso, no Estudo 3 observou-se um interessante padrão interacional cuidador-filho(a). No pré-teste observou-se uma expressiva falta de interesse das crianças em interagir com os adultos, indicando inclusive aversão ao contato. Os cuidadores, por sua vez, mostravam-se persistentes ao chamar seus filhos para a interação, frequentemente vocalizando em excesso e direcionando as atividades para uma colaboração em conjunto deles. Esses comportamentos parentais assemelhavam-se aos parâmetros de intrusividade do instrumento

utilizado (Piccinini et al., 2007, ANEXO F). Entretanto, no pós-teste, observou-se um aumento estatisticamente significativo na sensibilidade parental e um aumento expressivo, marginalmente significativo, no interesse de interação das crianças pelos adultos (Machemer et al., 2024b).

A discussão no Artigo 3 acerca desse padrão bidirecional de comportamento se concentra na possibilidade de o comportamento parental mais “intrusivo” dos pais e mães do piloto ter atuado como um resgate de interesse da criança na interação com o adulto, semelhante ao conceito teórico intitulado “reclamação” (Alvarez, 2020/1992). Diante desse cenário, o artigo sugere que estudos futuros aprofundem essa hipótese levantada pelo Estudo 3. Além disso, essa discussão pode fundamentar algumas adaptações nos instrumentos de observação da interação quando aplicados no contexto da adoção.

Por outro lado, o Artigo 3 possui limitações importantes que demandam atenção e consideração. Embora a coleta on-line de dados de interação apresente diversas vantagens de praticidade, é inegável que ela carrega muitas limitações. O estudo enfrentou vários desafios para garantir uma boa filmagem, como a baixa qualidade de internet dos participantes, ambientes pouco iluminados, saídas frequentes do enquadramento e a presença de outras pessoas e animais de estimação durante as filmagens (Machemer et al., 2024b). Esses desafios foram comuns em outro estudo durante a pandemia que adotou a abordagem de filmagem da interação pais-filhos e também descreveu esse processo (van IJzendoorn et al., 2023). Futuras intervenções on-line devem considerar essas dificuldades e potencialidades ao adotarem uma estratégia observacional de avaliação dos resultados.

Diante da presente discussão, também é possível analisar a **Implementação e Integração** (Bowen et al., 2009) do programa de intervenção em outros contextos. Os resultados da tese ressaltam a importância da complementaridade e acessibilidade de serviços de acompanhamento e intervenção no contexto da parentalidade por adoção. Programas de

intervenção como o *Adoção: Início dos Novos Vínculos* poderiam servir como um acompanhamento complementar ao proposto pelo judiciário, que visa, em seu objetivo maior, avaliar o estágio de convivência e proteger a criança (Brasil, 2009; 2017).

Além disso, também seria complementar em relação aos grupos de apoio, uma vez que nesses espaços as demandas mais individuais podem não ser plenamente atendidas. O maior desafio de implementação em outros contextos seria o de recursos humanos dos facilitadores e tecnológicos (computador e internet), uma vez que os demais materiais já estão elaborados e podem ser replicados para o mesmo público-alvo do piloto.

Por fim, é relevante destacar que a abordagem qualitativa do Estudo 4, a avaliação de autorrelato do Estudo 2 e a abordagem observacional do Estudo 3 desempenharam um papel crucial como fonte de triangulação de dados. Esses estudos somam-se aos dados do Estudo 1 e do relatório enviado aos financiadores (Frizzo et al., 2022c), e conferem validade à avaliação do piloto (APA, 2002; Levitt et al., 2018; Linhares et al., 2019).

Esta avaliação auxiliou na compreensão de elementos essenciais a serem considerados e aprimorados em estudos futuros do *Adoção: Início dos Novos Vínculos* e reforça a importância da condução e avaliação de estudos piloto (Malmqvist et al., 2019; Thabane et al., 2010), bem como da utilização de critérios claros e objetivos para guiar essas avaliações (Bowen et al., 2009; Dungarte & Dell’Aglia, 2018).

Considerações Finais

O objetivo principal desta tese foi avaliar o piloto do programa de intervenção *Adoção: Início dos Novos Vínculos*. Com a presente avaliação, conclui-se que o piloto teve integridade na sua implementação, foi bem aceito e despertou considerável interesse do público-alvo. Além disso, a maioria das estratégias demonstrou um bom desempenho, e, de modo geral, as mudanças nas variáveis seguiram a direção das hipóteses, conforme avaliado por meio da triangulação de diferentes fontes de informação e métodos.

Essa triangulação é o grande destaque do conjunto de estudos que compõem a tese, que une um relato de experiência de testes de viabilidade, uma avaliação qualitativa, uma avaliação quantitativa de autorrelato e outra observacional, conferindo validade aos resultados expostos. Ainda, a presente tese evidencia a importância da co-criação e avaliação contínua de um programa de intervenção, começando ainda na construção, antes da implementação do programa como um todo.

Outro ponto a ser mencionado, é a relevância de uma avaliação detalhada com critérios bem estabelecidos de um estudo piloto, questão muitas vezes negligenciada na comunidade científica. Diante disso, ressalta-se a necessidade de ampliar a divulgação das lições aprendidas nesses estudos, considerando a relevância delas para pesquisas futuras.

Nesse contexto, também é crucial que os gestores públicos considerem os resultados deste estudo. A abordagem avaliativa por parte do judiciário, embora extremamente necessária para a proteção da criança, pode ter o efeito de inibir alguns pais e mães de compartilhar suas dúvidas durante o processo de adaptação. Diante disso, a presente intervenção pode desempenhar um papel valioso como um acompanhamento independente e complementar ao suporte oferecido pelo judiciário. Ela poderia ser facilmente integrada em serviços públicos ou instituições privadas, ou até mesmo servir como fundamento para a prática clínica de profissionais que atendem famílias formadas por adoção.

Como uma das limitações gerais deste trabalho, assinala-se que a avaliação preliminar dos resultados deve considerar a ausência de randomização, grupo controle e *follow-up*. Pelos seus objetivos e *design* metodológico, todos os resultados dos estudos 2 e 3 devem ser considerados incipientes e inconclusivos, ainda que com resultados promissores na direção dos seus benefícios esperados. Apesar dessa limitação, esta tese representa um avanço significativo no cenário científico nacional.

Como mencionado, no Brasil, a maioria das evidências relacionadas ao tema é qualitativa e fundamentada em estudos com poucos casos, o que confere à atual avaliação um papel crucial como ponto de partida para investigações futuras com amostras maiores e com *design* metodológico mais robusto. Também cabe salientar que uma intervenção específica para o contexto da adoção, criada com uma variedade de estratégias e aplicada a um número considerável de casos é inédita no contexto nacional.

Outra limitação geral da avaliação refere-se ao contexto em que o piloto foi testado: durante o isolamento imposto pela pandemia de COVID-19. Esse contexto é específico e recente, não havendo embasamento empírico suficiente para compreender o quanto ele pode ter influenciado no recrutamento, engajamento, retenção e resultados do piloto. Estudos futuros em outros contextos precisam avaliar com maior profundidade o efeito da pandemia sobre os resultados do piloto *Adoção: Início dos Novos Vínculos*.

No entanto, essa mesma limitação contextual pode ser outro ponto de destaque. Em um momento em que muitos estudos de intervenção foram interrompidos devido à pandemia, o *Adoção: Início dos Novos Vínculos* não apenas prestou assistência às famílias, mas também contribuiu com conhecimento valioso a ser compartilhado com a comunidade envolvida com a temática. Esse feito só foi possível graças ao financiamento, apoio contínuo e especializado fornecidos pelo NCPI.

Em uma época histórica em que muitos financiamentos à pesquisa foram encerrados, o NCPI investiu na construção de programas de intervenção de qualidade para famílias brasileiras, visando soluções de saúde pública e protegendo relações familiares durante o período conturbado da pandemia. Diante do exposto, é importante reconhecer que, sem o investimento financeiro e o respaldo da equipe engajada da fundação, o piloto não teria sido viável. Por isso, a presente tese reforça a importância do investimento e apoio contínuo na produção de ciência no Brasil e frisa a relevância das parcerias entre o setor privado e o setor acadêmico na área da psicologia.

Por fim, salienta-se que cada estudo contribuiu para o aprimoramento das estratégias empregadas no *Adoção: Início dos Novos Vínculos*, mas a contribuição conjunta deles não se limitou ao objetivo da presente tese. Seus resultados apresentam contribuições para o contexto da parentalidade por adoção, para a futura construção de programas de intervenção nesse contexto, para a elaboração de políticas públicas baseadas em evidências, para a construção de instrumentos no contexto da parentalidade por adoção, para a mudança em intervenções durante o período de isolamento imposto pela pandemia de COVID-2019 e para a fundamentação teórica acerca da FRP e parentalidade por adoção.

Referências

- Adkins, T., & Fonagy, P. (2017). *Coding reflective functioning in parents using the five minute speech sample procedure: Version 2*.
- Adkins, T., Reisz, S., Hasdemir, D., & Fonagy, P. (2022). Family Minds: A randomized controlled trial of a group intervention to improve foster parents' reflective functioning. *Development and psychopathology*, 34(3), 1177–1191.
<https://doi.org/10.1017/S095457942000214X>
- Allen, J. G., & Fonagy, P. (Eds.). (2006). *Handbook of mentalization-based treatment* (Vol. 7, Issue 2). John Wiley & Sons.
- Alvarez, A. (2020). *Live Company: Psychoanalytic psychotherapy with autistic, borderline, deprived, and abused children*. Blucher. (Trabalho original publicadoem 1992).
- American Psychological Association, APA (2002). Criteria for evaluating treatment guidelines. *American Psychologist*, 57(12), 1052–1059. <https://10.1037/0003-066X.57.12.1052>
- Bammens, A. S., Adkins, T., & Badger, J. (2015). Psycho-educational intervention increases reflective functioning in foster and adoptive parents. *Adoption and Fostering*, 39(1), 38–50. <https://doi.org/10.1177/0308575914565069>
- Boeckel, M. G., Wagner, A., Ritter, F., Sohne, L., Schein, S., & Grassi-Oliveira, R. (2011). Análise fatorial do inventário percepção de vinculação materna. *Revista Interamericana de Psicología*, 45(3),439–447. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=28425426013>
- Borba, A. E., & Macheimer, R. S. (2015). Reconstituição vincular através da convivência monitorada. In J. Trindade, & F. Molinari.(Org.). *Temas de psicologia forense*. Imprensa Livre.
- Braun, V., Clarke, V., Hayfield, N., & Terry, G. (2019). Thematic Analysis. In P. Liamputtong (Ed.). *Handbook of research methods in health and applied sciences*.

- Springer Nature Singapore*, 843–860. https://doi.org/10.1007/978-981-10-5251-4_103
- Byrne, G., Slead, M., Midgley, N., Fearon, P., Mein, C., Bateman, A. W., & Fonagy, P. (2019). Lighthouse parenting programme: Description and pilot evaluation of mentalization-based treatment to address child maltreatment. *Clinical Child Psychology and Psychiatry*, 24(4), 680–693. <https://doi.org/10.1177/1359104518807741>
- Cimino, S., & Cerniglia, L. (2022). The effect of a telehealth intervention on mother-child's feeding interactions during the COVID-19 pandemic. *Psychology Research and Behavior Management*, 15, 1167–1175. <https://doi.org/10.2147/PRBM.S364480>
- Cox, M. J. (1998). *The young family interaction coding system*.
- Damiani, F. M. & Machemer, R. S. (2021). Visitas assistidas: Uma recomendação viável? In Lago, V. M., Cattani, B. C., Eidt, H. B. & Bandeira, D. R. *Práticas interdisciplinares nas Varas de Família*. Belo Horizonte: Artesã.
- Durgante, H., & Dell'Aglio, D. D. (2018). Critérios metodológicos para a avaliação de programas de intervenção em psicologia. *Avaliação psicológica*, 17(1), 155–162. <http://dx.doi.org/10.15689/ap.2017.1701.15.13986>.
- Foli, K. (2010). Depression in adoptive parents: a model of understanding through grounded theory. *Western Journal of Nursing Research*, 32, 379–400. <https://doi.org/10.1177/0193945909351299>
- Foli, K. J., Lim, E., & South, S. C. (2017). Longitudinal analyses of adoptive parents' expectations and depressive symptoms. *Research in Nursing & Health*, 40(6), 564–574. <https://doi.org/10.1002/nur.21838>
- Frizzo, G. B. (2008). *Contribuições da psicoterapia breve pais-bebê para a conjugalidade e para a parentalidade em contexto de depressão pós-parto*. [Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS]. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/13184>

- Frizzo, G. B., Silva, P. S., Resmini, G. F., Schwochow, M. S., Leão, L. C. S., Levandowski, D. C., Lopes, R. C. S., Vieira, M. L., & Chaves, V. P. (2016). *Transição para a parentalidade adotiva: Pesquisa e intervenção*.
- Frizzo, G. B., Macheimer, R. S., Silva, P. S. da, Colognese, S. S., Naddeo, L., & Soares, E. L. M. (2022a). A metodologia IDEAS numa intervenção para a parentalidade por adoção. *Revista Brasileira de Avaliação*, 11(3 spe), e112422.
<https://doi.org/10.4322/rbaval202211024>
- Frizzo, G. B., Arteche, A. X., Yates, D. B., de Sousa, D. A., Mendonça Filho, E. D., Bazon, M. R., da Silva, M. A., da Silva, P. S., Mateus, V. L. E., Marasca, A. R., Cauduro, G. N., Almeida, M. L., & Bandeira, D. R. (2022b). Challenges in developmental psychology research during the COVID-19 pandemic. *Psico-USF*, 27(3), 567–580.
<https://doi.org/10.1590/1413-82712034270313>
- Frizzo, G. B., Silva, P. S., Macheimer, R. S., Naddeo, L., Silva, L. G., Colognese, S. S., dos Santos, A. P. H., Soares, E. L. M., Rocha, E. G., Stello, G. K., Hoffman, A., Araújo, A. G., & Acco, F. (2022c). Relatório de conclusão de projeto do portfólio FOI: Uma ferramenta para a iteração de ciclo rápido e aprendizagem compartilhada.
- Levitt, H. M., Bamberg, M., Creswell, J. W., Frost, D. M., Josselson, R., & Suárez-Orozco, C. (2018). Journal article reporting standards for qualitative primary, qualitative meta-analytic, and mixed methods research in psychology: The APA publications and communications board task force report. *American Psychologist*, 73(1), 26–46.
<http://dx.doi.org/10.1037/amp0000151>
- Levy, L., & Gomes, I. C. (2020). *Adoção em tempos de pandemia*. In Janelas da pandemia. Instituto DH. https://institutodh.org/?smd_process_download=1&download_id=626
- Linhares, M. B. M., Altafim, E. R. P., Gasparido, C. M., & Andrade, R. C. (2019). Fortalecendo laços: Promovendo interações positivas entre mães e crianças em

- contextos adversos. In A. Faro, M. E. O. L. Lima, D. X. França, S. R. F. Enumo, & C. R. Pereira (Orgs.), *Psicologia social e psicologia da saúde: Tópicos atuais* (pp. 225-236). CRV: Curitiba, PR.
- Lo, C. K. M., & Wong, S. Y. (2022). The effectiveness of parenting programs in regard to improving parental reflective functioning: a meta-analysis. *Attachment and Human Development*, 24(1), 76–92. <https://doi.org/10.1080/14616734.2020.1844247>
- Luyten, P., Mayes, L. C., Nijssens, L., & Fonagy, P. (2017). The parental reflective functioning questionnaire: Development and preliminary validation. *PLoS ONE*, 12(5)e0176218. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0176218>
- Machado, M. S., Almeida, C. R. S., Schoppe-Sullivan S. J., Silva, P. S., & Frizzo, G. B. (2023) Psychosocial factors associated with coparenting support among brazilian adoptive parents, *Adoption Quarterly*. <https://doi.org/10.1080/10926755.2023.2257675>
- Machado, M. S., Machemer, R. S., Schwochow, M. S., Silva, P. S., & Frizzo, G. B. (2021). Adoção de crianças no Brasil: (re)visando conceitos. In S. J. L. Vasconcellos & V. M. Lagos (Eds.). *Psicologia Jurídica e suas interfaces: Um panorama atual* (2ª ed.). Editora UFSM.
- Machemer, R. S., & Frizzo, G. B. (2021). “Trigêmeos de idades diferentes”: A experiência da maternidade por meio da adoção de irmãos. *Contextos Clínicos*, 14(1), 49–72. <https://doi.org/10.4013/ctc.2021.141.03>
- Machemer, R. S., Selau, T., & Almeida, M. L. et al. (2024a). Adaptation and psychometric evidence of the motivation to have a child scale among expectant adoptive mothers. *Journal of Child and Family Studies*. <https://doi.org/10.1007/s10826-024-02840-z>
- Machemer, R. S., Silva, P. S., Almeida, M. L., & Frizzo, G. B. (2022). Parental representations changes in brief psychotherapy to promote sensitivity: A case study of siblings’ adoption. *International Journal of Systemic Therapy*, 33(2), 63-86.

<https://doi.org/10.1080/2692398X.2022.2034402>

Machemer, R. S., Silva, P. S. da, Naddeo, L., Silva, L.G., Sebben, S., Santos, A. P. H. Santos, & Frizzo, G. B. (2023). Improvement in emotional bond and parental satisfaction among participants of an online training program for adoptive parents. *Adoption Quarterly*, 26(3), 1-15. <https://doi.org/10.1080/10926755.2023.2242833>

Machemer, R. S., Silva, P. S., Naddeo, L., Silva, L. G., Sebben, S., Santos, A. P. H., & Frizzo, G. B. (no prelo). Percepção de satisfação com o programa de intervenção Adoção: Início dos novos vínculos.

Machemer, R. S., Zeni, L. C., Sebben, S., da Silva, P. S., Machado, A. B. C., da Silva, L. G., ... Frizzo, G. B. (2024b). Adoptive Parent-Child Interaction Quality During the COVID-19 Pandemic in Brazil. *International Journal of Systemic Therapy*, 1–20. <https://doi.org/10.1080/2692398X.2024.2336714>

Mallmann, M., Sebben, S., Almeida, M. L., Vescovi, G., Mendonça-Filho, E., Bandeira, D. R., & Frizzo, G. B. (2023, no prelo). Psychometric properties of the dyadic interaction assessment protocol (PAID) for evaluating mother-infant or caregiver-child interaction.

Malmqvist, J., Hellberg, K., Möllås, G., Rose, R., & Shevlin, M. (2019). Conducting the pilot study: A neglected part of the research process? Methodological findings supporting the importance of piloting in qualitative research studies. *International Journal of Qualitative Methods*, 18, 1-11. <https://doi.org/10.1177/1609406919878341>

Muller, M. E. (1994). A questionnaire to measure mother to infant attachment. *Journal of Nursing Measurement*, 2(2), 129–141.

NUFABE. (2020). *Entrevista pós-programa de intervenção Adoção: Início dos Novos Vínculos*.

Otuka, L. K., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. dos. (2012). Adoção suficientemente boa: Experiência de um casal com filhos biológicos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*,

28(1), 55–63. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722012000100007>

- Pazzagli, C., Delvecchio, E., Raspa, V., Mazzeschi, C., & Luyten, P. (2018). The parental reflective functioning questionnaire in mothers and fathers of school-aged children. *Journal of Child and Family Studies*, 27(1), 80–90. <https://doi.org/10.1007/s10826-017-0856-8>
- Piccinini, C. A., Frizzo, G. B., & Marin, A. H. (2007). Interações diádicas e triádicas em famílias com crianças de um ano de idade. In C. A. Piccinini & M. L. S. de Moura (Eds.). *Observando as interações pais-bebê-criança: Diferentes abordagens teóricas e metodológicas* (pp. 177–212). Casa do Psicólogo.
- Prenassi, M. S., Silberfarb, M. S., Machemer, R. S., Frizzo, G. B., & da Silva, M. A. (em processo de publicação). Escala de satisfação parental na adoção: Adaptação transcultural e evidências de validade. *Avaliação Psicológica*.
- Ramires, V. R. R., & Godinho, L. R. (2011). Psicoterapia baseada na mentalização de crianças que sofreram maus-tratos. *Psicologia em Estudo*, 16(1), 61–70. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722011000100008>
- Resmini, G. F. (2018). *A construção da parentalidade na adoção tardia: Formação de vínculos e adaptação inicial na adoção de crianças entre três e cinco anos*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/259900>
- Schaefer, M. P., Becker, D., & Donelli, T. M. S. (2023). Intervenções promotoras da capacidade de mentalização e função reflexiva: uma revisão integrativa. *CienciasPsicológicas*, 17(1), e2478. <https://doi.org/10.22235/cp.v17i1.2478>
- Schmidt, B., Silva, I. M., Pieta, M. A. M., Wagner, A., & Crepald, M. A. (2020). Terapia online com casais e famílias: prática e formação na pandemia de Covid-19. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40(e243001), 1-15. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003243001>

- Schwochow, M. S. (2018). *Tornar-se mãe por adoção: A espera por um filho*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul].
https://lume.ufrgs.br/handle/10183/181159?locale-attribute=pt_BR
- Schwochow-Silberfarb, M. S., Machemer, R. S. Machado, M. S., & Frizzo, G. B. (no prelo). Intervenção breve na adoção: Evidências qualitativas de um estudo piloto.
- Silva, C. L. da, & Benetti, S. P. da C. (2015). Older child adoption: A study of the affiliation process. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 32(1), 121–127.
<https://doi.org/10.1590/0103-166X2015000100011>
- Silva, P. S. (2018). *O processo de construção da parentalidade no contexto da adoção*. [Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul].
<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/202705>
- Silva, P. S., Cassarino-Perez, L., Sarriera, J. C., & Frizzo, G. B. (2017). A equipe psicossocial na colocação da criança nos processos de adoção. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(3), 608-623. <https://doi.org/10.1590/1982-3703000382016>
- Silva, R. R., & Marino, E. (2022). Por que é importante investir em avaliações de políticas, programas e serviços voltados à primeira infância. *Revista Brasileira de Avaliação*, 11(3 spe), e112122. <https://doi.org/10.4322/rbaval202211021>
- Slade, A. (2005). Parental reflective functioning: An introduction. *Attachment and Human Development*, 7(3), 269–281. <https://doi.org/10.1080/14616730500245906>
- Smith, S. L., Howard, J. A., Garnier, P. C., & Ryan, S. D. (2006). Where are we now? A post-ASFA examination of adoption disruption. *Adoption Quarterly*, 9(4), 19–44.
<https://doi.org/10.1300/J145v09n0402>
- Thabane, L., Ma, J., Chu, R. *et al.* (2010). A tutorial on pilot studies: the what, why and how. *BMC Med Res Methodol* 10(1). <https://doi.org/10.1186/1471-2288-10-1>
- Tasker, F., & Wood, S. (2016). The transition into adoptive parenthood: Adoption as a

process of continued unsafe uncertainty when family scripts collide. *Clinical Child*

Psychology and Psychiatry, 21(4), 520–535. <https://doi.org/10.1177/1359104516638911>

Weber, L. (2004). *Laços de ternura: Pesquisas e histórias de adoção*. Juruá.

Anexo A - Comitê de Ética**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Adoção: início dos novos vínculos

Pesquisador: Giana

Bitencourt Frizzo

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 26273119.5.0000.5334

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia - UFRGS

Patrocinador Principal: FUNDAÇÃO MARIA CECILIA SOUTO VIDIGAL

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.764.109

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto está aprovado por este CEP, seguindo as recomendações da resolução CNS 510/2016.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1477671.pdf	27/11/2019 14:08:59		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.pdf	27/11/2019 14:08:11	Giana Bitencourt Frizzo	Aceito
Folha de Rosto	folharosto.pdf	27/11/2019 14:07:04	Giana Bitencourt Frizzo	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle.docx	22/11/2019 19:43:21	Patricia Santos da Silva	Aceito
Orçamento	orcamento_ilab.pdf	22/11/2019 19:39:20	Patricia Santos da Silva	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	22/11/2019 19:38:19	Patricia Santos da Silva	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PORTO ALEGRE, 12 de Dezembro de 2019

Assinado por:**Jerusa Fumagalli de Salles**

Anexo B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Projeto: Adoção: início dos novos vínculos

Estamos realizando um estudo denominado “**Adoção: início dos novos vínculos**”. O estudo tem por finalidade proporcionar uma intervenção on-line, durante seis a oito semanas (em torno de dois meses) através de vídeos e videoconferência (sessões on-line), para famílias que tenham adotado há pouco tempo (até um ano) crianças de zero a seis anos. Para participar desta intervenção, será realizada uma sessão com os pais adotivos da criança, via webconferência, que, e preenchidos formulários on-line sobre satisfação parental, estresse parental, desenvolvimento do seu filho(a) além de dados sociodemográficos, para que possamos avaliar, antes e depois, os benefícios da intervenção.

Após, será iniciada a intervenção, que terá duração aproximada de 2 meses. Na intervenção será enviado, a cada família, em torno de dois vídeos por semana, via *Whatsapp*. Os primeiros vídeos irão abordar questões referentes ao desenvolvimento infantil, especificidades da parentalidade adotiva, necessidades infantis comuns no período de adaptação inicial, e formação de vínculos, como o ajuste das expectativas sobre o filho e da própria parentalidade. Após isso, será disponibilizado uma sessão via webconferência entre uma psicóloga expert em adoção e a família. Os próximos quatro vídeos terão conteúdos personalizados de acordo com o contexto familiar (ex. adoção tardia, adoção de irmãos, famílias homoparentais ou monoparentais, famílias inter-raciais, etc). Então, será realizada uma última sessão via webconferência, para nova discussão sobre os temas dos vídeos e outra sobre a avaliação do processo. Ao longo das sessões, será solicitado que a família envie dois vídeos curtos de interação com os filhos para as psicólogas. O programa será implementado por psicólogas devidamente treinadas para a intervenção. As sessões via webconferência terão duração de 60 minutos. Todas as sessões via webconferência serão gravados em áudio e vídeo, para fins de registro e análise, mas não serão expostas em nenhum tipo de mídia.

Através deste trabalho, esperamos contribuir para fornecer base prática e teórica para a criação de um protocolo de intervenção em contexto brasileiro. Por ser esta uma prática com poucos registros científicos, acredita-se que trará grandes contribuições aos profissionais dos sistemas públicos de saúde e de assistência social que tem contato diário com estas famílias.

Não são conhecidos riscos aos participantes da pesquisa, mas poderá haver desconforto ao responder algumas perguntas feitas pelo entrevistador, apesar de que esperamos beneficiar você e sua família com a intervenção. Caso você sinta algum incômodo ou situação adversa durante a realização da pesquisa ou seja identificada alguma situação de risco a vocês ou sua família ao longo da intervenção, nossa equipe disponibilizará um atendimento on-line gratuito para acolhimento e encaminhamento necessário conforme sua rede. Não há remuneração prevista por sua participação.

Seus dados de identificação serão confidenciais e reservados e não serão divulgados na publicação dos resultados, já que servirão apenas para caracterizar o público que está colaborando com a pesquisa. As gravações obtidas serão utilizadas somente para este estudo, sendo armazenadas pela coordenadora da pesquisa durante 5 (cinco) anos e, após este período, serão deletadas.

Você terá a liberdade de retirar o seu consentimento, a qualquer momento, sem que isto traga prejuízo para sua vida pessoal e ao seu filho. Você receberá informações sobre este projeto de pesquisa e a forma como será conduzido e, em caso de dúvida ou novas perguntas, poderá entrar em contato com a pesquisadora Profa. Dra. Giana Bitencourt Frizzo, no Instituto de Psicologia da UFRGS. Caso queira contatar com a equipe, isto poderá ser feito pelo telefone 3308-5111 ou através do email: nufabe@gmail.com

Este documento foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que pode ser contatado pelo fone 3308-5698 ou e-mail: **cep-psico@ufrgs.br**. Você receberá cópia

virtual deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ficando outra via com a equipe de pesquisa.

Porto Alegre, ____, de _____ de 20__.

Nome do Participante: _____

Aceito participar da pesquisa: () sim () não